

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A Questão Moral em *O Deserto dos Tártaros*, de  
Dino Buzzati**

Manuel Henrique Ribeiro Baptista Mouro

Tese orientada pela Professora Doutora Ângela Fernandes,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em  
Teoria da Literatura

2017



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A Questão Moral em *O Deserto dos Tártaros*, de  
Dino Buzzati**

Manuel Henrique Ribeiro Baptista Mouro

Tese orientada pela Professora Doutora Ângela Fernandes,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em  
Teoria da Literatura

2017



## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Ângela Fernandes a ajuda decisiva da sua orientação, nomeadamente pela generosa disponibilidade, por todo o tempo que lhe dedicou, pela atenção e rigor que pôs nas revisões, assim como pelas preciosas críticas e sugestões.

Agradeço igualmente ao Professor Miguel Tamen; desde logo pela excelência do seu professorado, e no que em particular a esta dissertação diz respeito, pelo seu contributo para a clarificação e consolidação das ideias que a sustentam.

Obrigado também aos meus colegas pelo convívio, pela troca de ideias e pelo espírito de camaradagem e interajuda que sempre pautou o grupo.

Por fim, uma palavra de reconhecimento a todos aqueles que, entre familiares e amigos, mostraram compreender, valorizar e apoiar este ingresso tardio na Faculdade de Letras.



## RESUMO

Na presente dissertação defende-se que em *O Deserto dos Tártaros* (1940), romance do autor italiano Dino Buzzati (1906 - 1972), a identificação do(s) motivo(s) que possa(m) ter levado o protagonista a agir como agiu, aparentando ir contra a sua própria vontade, é uma questão que resulta desvalorizada na narrativa. Propõe-se em contrapartida uma linha de leitura segundo a qual o foco do romance incide principalmente no significado da contradição do protagonista.

Nessa perspectiva, ensaia-se a possibilidade de acomodar na narrativa dois modos seculares e divergentes de pensar os comportamentos humanos: o aristotélico, que contempla a possibilidade de acrasia (ou seja, *falta de autodomínio*), e o platónico, que a nega. Pretende-se por fim mostrar que, nesta linha de leitura, o romance de Buzzati suscita sobretudo relevantes questões de ordem moral e de autoconhecimento.

## PALAVRAS-CHAVE

Ficção e Conhecimento - Teoria Moral - *O Deserto dos Tártaros* - Dino Buzzati





## ABSTRACT

In the present dissertation we argue that in *The Tartar Steppe* (1940), a novel by the Italian author Dino Buzzati (1906 - 1972), the identification of the motive(s) that might have led the protagonist to act the way he did, apparently going against his own will, is a matter devaluated by the narrative. Instead, we propose a reading according to which the main focus of the novel is on the meaning of the protagonist's contradiction.

In that perspective, it is attempted the possibility to accommodate in the narrative two secular and divergent theories on human behaviours: the Aristotelian, which allows for *akrasia* (i.e. *lack of mastery*), and the Platonic, that does not. We would like to show that, if read this way, Buzzati's novel is above all raising relevant issues on morals and knowledge.

## KEYWORDS

Fiction and Knowledge - Moral Theory - *The Tartar Steppe* - Dino Buzzati



# ÍNDICE

Introdução	13
Parte I - Contradições	
1 - A Contradição do Protagonista	21
2 - Mentiras e Desmentidos da Narrativa	37
Parte II - A Questão Moral	
1 - A Perspectiva Aristotélica: Acrasia	61
2 - A Perspectiva Platónica	77
3 - Autoconhecimento e Progresso Moral	91
Referências Bibliográficas	117



## Introdução

Dino Buzzati (Belluno, 1906 - Milão, 1972) é autor de uma obra literária que inclui cinco romances, vários volumes de contos, poesia, incursões pelo teatro e até libretos. Como jornalista de profissão que foi ao longo de toda a vida, escreveu ainda inúmeras crónicas e alguma crítica de arte. Frequentemente relacionado com Kafka, na *Storia della Letteratura Italiana* Cesare Segre chega mesmo a apelidá-lo de “il nostro piccolo Kafka nazionale” (Malato 2000: 1493). Outros, como Eugenio Ragni, para quem esta insistente comparação assenta essencialmente em aspectos superficiais, preferem destacar a particularidade da sua prosa, fortemente marcada por uma linguagem jornalística: “Della pratica giornalistica deriva anche la particolare cifra della sua prosa, intenzionalmente dimessa, priva di soprassalti o arditezze sperimentali, scorrevole ed elegantemente ‘comune’” (*idem*: 397). Já o que se afigura consensual entre os leitores de Buzzati é ver em *Il Deserto dei Tartari* a sua obra mais importante. A este que é o seu terceiro romance, publicado em 1940, várias vezes se têm referido como a sua “obra-prima”.

Não sendo um romance longo, *O Deserto dos Tártaros*<sup>1</sup> abrange ainda assim toda a vida adulta do seu protagonista, desde bastante jovem até à sua morte, com cinquenta e quatro anos. A história tem início numa altura em que Giovanni Drogo acaba de completar o curso da Academia Militar, preparando-se agora para assumir as novas funções de oficial. Pondo-se a caminho do posto para onde foi destacado, ser-lhe-ão necessários dois dias a cavalo para lá chegar, durante os quais se embrenha

---

<sup>1</sup> Adopta-se a tradução de Margarida Periquito, que se confronta com a edição italiana, conforme referências finais.

progressivamente por uma paisagem montanhosa cada vez mais inóspita e desolada. Quando por fim alcança o seu destino, apercebendo-se de quão isolado é o lugar, de como fica longe de qualquer povoação, é tomado de um autêntico pavor. Um ermo como aquele é o exacto oposto do que desejaria encontrar. Depois do internato da Academia, de que dá graças por se ter finalmente libertado, este jovem tenente anseia por disfrutar da mundanidade e de todos os prazeres do convívio social de que até ali se tinha visto privado. A ideia de ficar naquela Fortaleza esquecida do mundo parece-lhe uma provação impossível de suportar, prevendo Drogo um prolongamento do castigo e da prisão que já a Academia havia sido. O sentimento de solidão que o local lhe inspira é avassalador, alimentado pela perspectiva desanimadora de se ver confinado ao convívio com aqueles que lá vivem, homens estranhos e incompreensíveis que parecem alienados do mundo, esquecidos já das normais alegrias entre os seus semelhantes.

É assim que, apresentando-se a serviço, Drogo manifesta desde logo ao oficial que o recebe a vontade de ser transferido o quanto antes para a cidade de onde proviera. Tendo para mais ficado entretanto a saber que, de acordo com os regulamentos, só os voluntários eram para ali enviados — o que por certo não é o seu caso —, regressar à cidade é afinal de contas um direito que lhe assiste, mais do que um pedido. A sua colocação na Fortaleza Bastiani consistirá por certo nalgum engano. Acedendo às suas pretensões, o oficial mostra-se disposto a colaborar na transferência, passando a expor as várias possibilidades para a concretizar. A este ponto, o caso parecerá ao leitor bastante simples e claro, e de fácil resolução. Mostrando Drogo um veemente desejo de deixar aquele lugar, não há por outro lado nada que o impeça de o fazer; nem sequer, como na narrativa se faz notar, o receio de

que a sua decisão pudesse vir a prejudicá-lo, por ser mal vista entre os superiores. Tudo parece portanto indicar que a situação virá a ter um rápido desfecho a contento. Mas, surpreendentemente, sem que pareça haver razão para tal, Drogo resolve afinal adiar a partida, acedendo em ficar por quatro meses. Este será apenas o primeiro de vários adiamentos. Depois deste, outros se seguirão, e a história conta como Drogo, a contragosto, acaba por ficar ali toda a vida.

Perante tão estranho caso, em que alguém se deixa ficar num lugar que de forma continuada mostra repudiar, o leitor esperaria que a narrativa o elucidasse quanto aos motivos que o justificassem. Perguntar-se-á qual terá sido o imperativo que levou Drogo a hipotecar um tão premente desejo de regressar à cidade. Este desejo é ademais fundamentado de forma coerente, com argumentos pertinentes e legítimos, o que só vem acentuar a contradição em que consiste o seu comportamento. Mas quando tentamos encontrar na narrativa uma explicação para a surpreendente atitude do protagonista, verifica-se que a cada hipótese explicativa que parece ser sugerida, a própria narrativa se encarrega também de a contradizer, acabando por descredibilizar cada uma delas. Assim como se sugere, por exemplo, que Drogo possa ter sido vítima de um certo encantamento com a Fortaleza, ou que tenha cedido à inverosímil possibilidade de um confronto com os lendários tártaros, entre outras hipóteses, da mesma forma a narrativa tudo desmente, fornecendo elementos que dão razões para pensar que não foi isso que se passou. Um reflexo directo e bem ilustrativo desta ambiguidade é a discrepância de opiniões que se constata existir quanto a qual possa ser afinal o motivo que o levou a ficar, como a seu tempo se verá.

Coloca-se então a questão de como interpretar esta ambiguidade, no âmbito de uma explicação que se desejaria obter para o estranho comportamento de Drogo.

Este protagonista é para mais alguém que goza de verosimilhança suficiente para que não fiquemos indiferentes ao seu caso. Ele não se nos afigura como um ser incompreensível, vindo de outro planeta, que nos permitisse explicar o seu inusitado comportamento pelo facto de nele governarem desígnios que nos são ininteligíveis. Pelo contrário, à eficácia de *O Deserto dos Tártaros* não será certamente alheio o que de comum podemos apesar de tudo reconhecer no seu protagonista. No que o caso de Drogo tem de absurdo, identificamos ainda assim toda a pertinência de algo que nos diz respeito.

Uma forma generalista e abrangente de ver esta ambiguidade em que a narrativa nos deixa é entendê-la como querendo significar que nem sempre os comportamentos humanos são explicáveis de forma linear e por uma única razão. As mais das vezes, eles são antes o resultado de um conjunto de factos, circunstâncias, sentimentos, ou desejos nem sempre claros e destrinçáveis. Nesta perspectiva, Drogo não teria ficado por um motivo que fosse possível identificar claramente, mas sim por um conjunto de razões mescladas entre si. Não discutindo a validade desta interpretação, na presente dissertação propõe-se contudo explorar um significado diferente para essa peculiar ambiguidade de *O Deserto dos Tártaros*. É que, mais do que ser omissa ou vaga na identificação de uma razão bem definida, a narrativa mostra-se empenhada em negar especificamente cada uma das várias hipóteses, revelando com isso uma intencionalidade que parece querer interferir de forma mais precisa no significado do romance.

Neste sentido, será importante, antes de mais, fazer notar que o interesse pelo caso de Drogo ultrapassa uma mera curiosidade frívola por alguém que se contradiz. A razão de ser das reflexões que o seu caso nos merece é, em última análise, querer



perceber o que justifica o sofrimento psicológico que a história retrata nele. Com efeito, o tom da narrativa expressa de forma inequívoca um perpetuar no protagonista de um sentimento de culpabilidade, de arrependimento e permanente conflito que o acompanharão até ao final. Este estado é também corroborado pelo tom de censura que o próprio narrador amiúde lhe reserva. Se, pelo contrário, a história nos levasse a concluir que Drogo acabou por encontrar a felicidade na Fortaleza, o interesse pelo seu caso terminaria nesse momento. Tudo o que então haveria a dizer seria que a princípio não previra poder ser feliz naquele lugar e afinal acabou por sê-lo. Algo assim não contém nada de estranho ou notável, e o assunto podia ser dado por encerrado. Mas se reconhecemos na história o denunciar no protagonista de um estado perene de sofrimento psicológico, quereremos perceber o que traduz, e que significado podemos atribuir, a essa sua condição.

O caso de Drogo torna-se tanto mais intrigante quanto, por um lado, a causa da sua infelicidade parece ser clara — *i.e.*, estar na Fortaleza —, e por outro, corrigir essa causa — *i.e.*, retornar à cidade — está perfeitamente ao seu alcance. Se assim é, perguntamo-nos por que razão não encontra solução, e pelo contrário persiste, o seu tormento. Este é o paradoxo com que a história nos confronta, e o busílis da questão aparenta com efeito ser a identificação do que foi que obrigou, ou influenciou, Drogo a ficar numa Fortaleza que o faz infeliz. Mas, defende-se no presente ensaio, ao recusar identificar um motivo, o romance está implicitamente a sugerir que esse não é o objectivo que deve orientar a leitura, convidando-nos a reorientar o foco de atenção. Assim, mais do que presumir que o importante é encontrar o motivo que impediu Drogo de deixar a Fortaleza, podemos antes debruçar-nos sobre o significado da contradição, propriamente dita, do seu comportamento. Ou seja, perceber o que

significa o conflito de impulsos contraditórios que a história revela existir em Drogo — um que o leva a repudiar a Fortaleza e outro a permanecer nela. Podemos nomeadamente perguntar-nos de onde provém e porque subsiste esse conflito. Sendo afinal esta a razão essencial e decisiva para o seu sofrimento, parece com efeito pertinente considerar que esclarecer este conflito seja a questão crucial.

Orientado por esta perspectiva, o ensaio estrutura-se do seguinte modo: numa primeira parte, intitulada “Contradições” e que se subdivide em dois capítulos, evidencia-se em primeiro lugar como, em face daquelas que são as motivações e os sentimentos que a narrativa atribui ao protagonista, ter acabado por ficar na Fortaleza constitui uma contradição flagrante e difícil de explicar. A sua permanência na Fortaleza Bastiani provoca no leitor uma autêntica perplexidade que solicita ser reflectida. Num segundo capítulo, mostra-se a existência de outra contradição: neste caso, aquela que a narrativa inflige sobre si mesma ao vir desacreditar motivos que ela própria sugere como explicativos para esse estranho comportamento, suscitando com isso a ideia de que esse é um caminho de interpretação infrutífero.

Na segunda parte, intitulada “A Questão Moral”, propõe-se olhar a história de Drogo de uma forma que, mais do que preocupada com identificar um motivo concreto que explique a sua eternização na Fortaleza, indaga antes sobre o que possa significar a contradição da sua atitude. Dividindo-se esta parte em três capítulos, no primeiro pondera-se o caso à luz das reflexões de Aristóteles sobre a acrasia, nomeadamente segundo o que encontramos exposto na *Ética a Nicómaco*. Aristóteles vê na acrasia, ou *perda de autodomínio*, a explicação para aqueles casos em que alguém age contra o que sabe ser o melhor a fazer, o que parece ser precisamente o

caso do protagonista de *O Deserto dos Tártaros*. Num segundo capítulo, opor-se-á a essa perspectiva aquela que Aristóteles está a refutar, ou seja, a opinião de Sócrates segundo a qual a acrasia entre os seres humanos não é possível, tal como Platão o ilustra em *Protágoras*. Finalmente, no terceiro e último capítulo, mostra-se como de acordo com esta perspectiva — platónica, chamemos-lhe assim — o romance de Buzzati suscita principalmente uma questão moral. Mais do que propor a procura de uma justificação para a abstrusa permanência do protagonista, *O Deserto dos Tártaros* retrata sobretudo o conflito que sobrevém em consequência de um défice de auto-esclarecimento. Argumentar-se-á que esse défice, que é o verdadeiro responsável pelo conflito indelével que o romance expõe, constitui também uma falha moral.



## I - Contradições

### 1- A Contradição do Protagonista

Como ponto de partida para a abordagem de *O Deserto dos Tártaros* que se pretende levar a cabo, será importante começar por identificar como é caracterizado o seu protagonista. Queremos nomeadamente perceber quais são os seus desejos e motivações pessoais, e conseqüentemente que sentimentos e ímpetos lhe suscitam a situação em que se encontra. Pelo papel determinante que o narrador desempenha nesta caracterização, torna-se também relevante verificar como se posiciona ele na narrativa: que nível de conhecimento mostra possuir sobre o protagonista, bem como qual o seu grau de envolvimento na história que conta.

O leitor trava conhecimento com Giovanni Drogo justamente no momento em que se inicia uma nova e importante etapa da sua vida. Terminada que foi a formação na Academia Militar, eis que este jovem oficial se encontra agora a caminho do posto para onde foi destacado. O momento é significativo e simbólico, pois se por um lado Drogo já se afastou da sua vida anterior, representada pela cidade que acaba de deixar, por outro não chegou ainda ao seu destino, onde novas condições se definirão. O parágrafo de abertura, que se constitui numa única frase rigorosa e precisa, não deixa dúvidas: “Promovido a oficial, Giovanni Drogo deixou a cidade numa manhã de Setembro para se dirigir à Fortaleza Bastiani, seu primeiro destino” (5)<sup>2</sup>. O verbo no

---

<sup>2</sup> Entre parênteses, a página do trecho citado.

pretérito perfeito<sup>3</sup> situa com precisão o início da narrativa nesse intervalo de tempo e de espaço, em que a viagem já se iniciou e ainda decorre.

Mas assinalando desde logo toda a autoridade e onisciência de que se reveste, o narrador trava o decorrer da acção e, numa delicada e subtil analepse, recua no tempo para os momentos que antecederam a partida. Em pleno contraste com o parágrafo “unifrásico” de abertura, curto e pragmático, passará agora a demorar-se consideravelmente mais, ocupando-se em caracterizar a personagem na sua interioridade. O narrador demonstrará então como não só está a par de todos os movimentos efectuados por Drogo — como foi acordado, se vestiu, se viu ao espelho — mas também como conhece os seus pensamentos e íntimos sentimentos. Será até interessante reparar como ao longo dos quatro parágrafos seguintes se afirma um crescente grau de conhecimento dos sentimentos da personagem. No primeiro deles, a narração é ainda toda ela resumida a factos objectivos, com uma única excepção — “mas não sentiu a alegria que esperava” (5). No segundo, a objectividade cede já mais espaço aos sentimentos de Drogo, nomeadamente quanto aos tempos passados na Academia — “o dia que aguardava há anos”; “pensava nos dias tristes (...), recordou as amargas noites”; “recordou o tormento” (5). No terceiro, acentua-se a mesma tendência: o enfoque na subjectividade torna-se ainda mais pronunciado, desta vez a propósito das expectativas quanto ao futuro — “finalmente era oficial”; “aqueles dias (...) odiosos tinham acabado para sempre” (5); “mas no fundo”; “via um sorriso forçado” (6). E finalmente, no último e maior destes quatro parágrafos, após os quais um espaço em branco na mancha gráfica do texto assinalará uma pausa antes de a narrativa retomar o tom descritivo e objectivo do início, a interioridade da

---

<sup>3</sup> No original: “partì una mattina di settembre dalla città”.

personagem ocupa todo o parágrafo. O discurso altera-se ao ponto de personagem e narrador se tornarem indistintos na voz narrativa. Já não saberíamos a esta altura dizer quem efectivamente fala, se o narrador em nome da personagem ou se ela própria, miscigenados que agora surgem pelo discurso indirecto livre.

Que coisa sem sentido: porque é que não era capaz de sorrir com a devida despreocupação ao dar os bons-dias à mãe? (...) É claro que não ia para a guerra! Dezenas de tenentes como ele, os seus antigos companheiros, deixavam àquela mesma hora a casa paterna entre risos de alegria, como se fossem para uma festa. (6).

O discurso indirecto livre surgirá frequentemente ao longo da narrativa. Sobre esta forma discursiva, lemos no *Dicionário de Narratologia* de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes: “É um discurso híbrido, onde a voz da personagem penetra a estrutura formal do discurso do narrador, como se ambos falassem em uníssono, fazendo emergir uma voz ‘dual’” (Reis 1987: 312). Deste modo, a diferença entre a forma como narrador e personagem se relacionam com a acção é elidida. Permitindo confundir a sua voz com a da personagem, quanto às reflexões e aos sentimentos que são expressos, o narrador faz também seus os desígnios dela, mostrando partilhar das suas ambições e dos seus sentimentos. Citando mais uma vez Reis,

O discurso indirecto livre, ao proporcionar uma confluência de vozes, marca sempre, de forma mais ou menos difusa, a atitude do narrador face à personagem, atitude essa que pode ser de distanciamento irónico ou satírico, ou de acentuada empatia. (*idem*: 313).

No caso de *O Deserto dos Tártaros* estamos indubitavelmente perante a segunda hipótese. Não hesitamos em reconhecer neste narrador uma total empatia com as causas da personagem. Repare-se por exemplo no modo como se inicia o capítulo XXVI:

Porque é que, agora que a estrada estava terminada, os estrangeiros tinham desaparecido? Porque é que os homens, cavalos e carros tinham subido de novo a grande planície, até desaparecerem nas névoas do norte? Todo aquele trabalho para nada? (205).

Enunciadas desta forma ambígua, entre discurso directo e discurso indirecto, questionamo-nos sobre quem faz realmente tais perguntas, quem é que assim está a manifestar interesse nas questões em causa, se o protagonista ou o próprio narrador.

O grau de envolvimento do narrador com as vicissitudes do protagonista pode mesmo exceder o uso do discurso indirecto livre. Por vezes, ele chega mesmo a interpelá-lo directamente, na segunda pessoa. Note-se este exemplo, já nos momentos finais do romance: “Não, Drogo, não penses mais nisso, já basta de te atormentares, o pior já passou. Mesmo que as dores te ataquem, mesmo que já não haja músicas para te consolarem (...). O pior já passou, já não te podem defraudar” (235).

Não é aliás só com as personagens (e não só com a principal, *vd.* “porque esperas, coronel?”, 114) que o narrador estabelece retoricamente este grau de intimidade. Em benefício da eficácia narrativa, o próprio leitor pode vir a ser directamente endereçado. Veja-se este caso, em que o narrador se lhe dirige na segunda pessoa no intuito de provocar uma focalização do espaço da acção que



permita caracterizar do modo mais eficaz a condição de Drogo naquele momento: “Vejam-nos, Giovanni Drogo e o seu cavalo, que pequenos são contra a encosta das montanhas que se tornam maiores e mais selvagens” (8). A perspectiva em que assim o leitor é colocado permitir-lhe-á confirmar toda a pequenez da figura de Drogo, submergido pela paisagem montanhosa que o circunda, desta forma traduzindo da melhor maneira toda a sua desorientação e vulnerabilidade perante o destino.

Se este género de interpelação directa exerce, por si só, um inegável efeito retórico, notaremos ainda em comum nestes últimos exemplos citados o emprego do tempo gramatical no presente, algo que consiste numa nítida ruptura com o tempo passado em que a história vinha sendo contada. A alteração do tempo gramatical da narrativa é outra ferramenta retórica que amiúde veremos ser usada no propósito de envolver o leitor. Na abertura do capítulo XXV, por exemplo, seremos surpreendidos por uma narrativa subitamente transferida para o presente.

Um poste está cravado no bordo do socalco que corta longitudinalmente a planície do norte, a menos de um quilómetro de distância da Fortaleza. De lá até ao cone rochoso do Reduto Novo o deserto estende-se, uniforme e compacto, oferecendo condições para que a artilharia avance livremente. (199).

Este tempo gramatical manter-se-á por algumas páginas, e de súbito não é já de uma história ocorrida num passado inacessível que se trata mas sim de algo bem concreto para cujo plano de acção o leitor é sugestivamente convocado.

Também na abertura do capítulo XXVII, de forma inesperada, este já não é um protagonista de eventos idos no tempo, como até aí era norma, mas sim um que se

move agora no tempo presente e de cujas desventuras se toma conhecimento em tempo real.

Vira-se a página, passam-se meses e anos. (...) Os antigos amigos de Drogo, satisfeitos com as carreiras que seguiram, gostam de se deter nos limiares das casas que construíram a observar como corre o rio da vida, e no bulício da multidão divertem-se a distinguir os próprios filhos (...). Agora sim, finalmente está mudado. Tem cinquenta e quatro anos, o posto de major, e é o segundo comandante da reduzida guarnição da Fortaleza. (211).

Este narrador mostra assim ser bastante versátil e gozar de ampla liberdade. Longe de ser estável e condicionado por rígidas normas narrativas, vê-lo-emos oscilar entre uma forma enunciativa que se limita a relatar acontecimentos precisos, sejam eles do presente ou fazendo já parte do passado, uma outra que mostra conhecer a intimidade emocional do protagonista, e ainda uma terceira que de alguma maneira parece viver empaticamente os desígnios desse protagonista. A alternância entre estas modulações de voz tanto se pode dar de forma extremamente discreta e quase imperceptível, como assumindo uma brusca descontinuidade. Assim, o narrador da subjectividade pode fazer uma aparição ocasional através de um brevíssimo apontamento em discurso indirecto livre, conspícuo e absolutamente dissonante de todo o parágrafo em que se insere (“e agora?”, 150), como pode também assumir para si todo um parágrafo, em que os pensamentos da personagem se apoderam da voz narrativa (e.g. todo o parágrafo da página 65, que se inicia com “E por que razão Angustina, o maldito snobe, até neste momento sorri?”). Com frequência, é a propósito de uma analepse ou de uma prolepse que a narrativa encontra o pretexto

para retratar os meandros interiores da personagem. Quando por fim entronca novamente no decurso da acção principal, a narração retoma então o seu carácter objectivo.

Mas, versátil e cognoscente que revela ser, o narrador não se mostra apesar de tudo mais elucidado do que o protagonista quanto ao motivo do seu estranho comportamento. Se a história de Drogo configura um mistério, não será o narrador a esclarecê-lo, antes parecendo ser tão surpreendido por ela quanto o próprio protagonista e o leitor o são. Desta suspensão de uma resposta se sustenta também o romance, deixando ao leitor o julgamento sobre a necessidade, ou não, de procurar uma explicação, e de qual possa ela ser. Na leitura que aqui se propõe, este aspecto torna-se fundamental. Como se tornará claro, segundo esta leitura, o facto de Drogo não estar ciente do problema em que incorre é precisamente a questão de fundo que o romance procura suscitar. Se Drogo estivesse consciente da sua falta, ou se o narrador a revelasse de antemão, perder-se-ia o elemento de *desconhecimento*, que é funcionalmente necessário para o caso que o romance pretende retratar.

Regressando ao protagonista, cabe apurar o que a narrativa permite inferir sobre os seus desejos e motivações. Terminado o curso de oficial na Academia Militar, Drogo está de partida para a sua primeira colocação. Sobre esta mudança guarda certas expectativas, que estão directamente relacionadas com a forma como vê os últimos anos. Através dos seus pensamentos, que o narrador dá a conhecer, o leitor percebe que os anos passados na Academia lhe deixaram as piores recordações. Vemos como rememora as casernas gélidas, a constante ameaça dos castigos, ou a voz ameaçadora dos instrutores; como recorda “o tormento de contar os dias um a um,

que parecia que nunca mais acabavam” (5), enquanto lá fora, nas ruas, outros desfrutavam do género de vida que desejava para si próprio. No seu insofrível enclausuramento, conseguimos imaginar como invejaria aquelas “pessoas livres e provavelmente felizes” (5) que ouvia do outro lado dos muros que o cercavam, como a um autêntico prisioneiro. É por isso com profundo alívio que vê agora chegarem ao fim esses tempos que tanto detestara.

Vendo terminados esses anos “odiosos” de clausura e privações, o que o narrador mostra que Drogo agora deseja é poder por fim usufruir dos prazeres mundanos e do convívio social de que até ali se vira privado. De algum modo, procura uma compensação, a desforra pelo sacrifício que representou o isolamento a que foi sujeito. Quando o narrador diz que “era aquele o dia que aguardava há anos, o início da sua verdadeira vida” (5), é perfeitamente claro que são desta natureza as expectativas que movem Drogo. E se por um lado compreendemos a lógica e os fundamentos destas suas pretensões, por outro não se evidenciam nele sinais de uma particular vocação militar. Não o vemos projectar uma carreira nas armas, ou antecipar actos notáveis e heróicos, como tampouco deixa transparecer um especial sentido de brio ou vaidade militar. O que Drogo revela sobretudo esperar desta sua nova posição é algo tão primariamente mundano como o que a narrativa expressa através deste seu pensamento: “Sim, agora era oficial, ia ter dinheiro, as mulheres bonitas talvez olhassem para ele” (6).

Em face destes seus desejos, as piores suspeitas que já durante o longo caminho até à Fortaleza se haviam começado a desenhar revelam-se acertadas. O lugar que lhe coube em sorte constitui um absoluto desapontamento. Embrenhada numa inóspita paisagem montanhosa, isolada e distante de qualquer povoação, a

Fortaleza Bastiani mostra ser incompatível com os projectos que vinha acalentando. O choque que sofre quando finalmente chega ao seu destino é expresso de forma inequívoca pela narrativa, reforçado pelo uso do discurso indirecto livre:

Oh, regressar. Não transpor sequer o limiar da fortaleza e descer de novo à terra plana, à sua cidade, aos velhos hábitos. Este foi o primeiro pensamento de Drogo, e não importa se tanta fraqueza era vergonhosa para um soldado; estava até pronto a confessá-la, se necessário, desde que o deixassem ir embora imediatamente. (21).

Afastada de tudo, apartada do mundo, a vida de exclusão que ali se adivinha é o exacto oposto daquilo que procura, e a perspectiva de lá permanecer uma hipótese que se afigura aterradora. O seu sentimento resume-se bem naquilo que o narrador diz ser o que Drogo gostaria de poder confessar à mãe, em carta que lhe escreve, não fora o receio de a apoquentar: “a Fortaleza é melancólica, não existem povoações por perto, não há qualquer divertimento e nenhuma alegria” (47). O próprio narrador, empático, o reforça, dizendo pela sua parte: “Oh, fazê-la entender a desolação daquelas muralhas, aquele clima indefinido de castigo e exílio” (48). Aquele lugar promete ser uma exponenciação de tudo o que de mau a Academia continha, e de que Drogo se congratulava por se ter finalmente libertado. Ali encontra a mesma pequena comunidade isolada, fechada sobre si mesma, vivendo apartada do mundo e dos seus prazeres.

A ideia do que significaria para Drogo permanecer naquele lugar espelhar-se-á de forma sintomática na opinião que emite acerca daqueles que lá encontra. De uma forma profundamente depreciativa, os que habitam a Fortaleza são vistos como seres

que vivem alheados da civilização e do normal e saudável convívio entre os seus semelhantes. O que isso traduz de uma total e condenável ausência de critério, ou então de uma confrangedora ignorância quanto a outras realidades e possibilidades que a vida oferece, suscita-lhe a maior aversão e desprezo. São “homens estranhos e absurdos” (48) que vivem de forma voluntária a mesma espécie de renúncia a que Drogo se vira forçado durante os anos da Academia. A vida que ali levam é-lhe tão incompreensível quanto lhe seria impossível fazê-la sua.

As paredes nuas e húmidas, o silêncio, a palidez das luzes: todos ali dentro pareciam ter-se esquecido de que em alguma parte do mundo existiam flores, mulheres risonhas, casas alegres e hospitaleiras. Tudo lá dentro era uma renúncia, mas por quem, por que misterioso bem? (23).

São vários os exemplos de como outras personagens evocadas na narrativa permitirão ilustrar o que a Fortaleza representa para Drogo. Veja-se nomeadamente o caso do capitão Ortiz. Reconhecendo embora que aquela Fortaleza “velhíssima, completamente ultrapassada” (16) e situada num “troço de fronteira morta” (16), “nunca serviu para nada” (17), este capitão já lá está há dezoito anos. Quando Drogo lhe confessa as suas preocupações quanto ao isolamento do lugar e ao subsequente aborrecimento que parece ser inevitável, a sua pouco reconfortante resposta será: “uma pessoa habitua-se” (17). Em resultado, Ortiz merecerá de Drogo um lacónico epíteto de “cretino” (18). Noutro caso, os quinze anos que o alfaiate Prosdócimo já ali passou serão vistos como sintomáticos de uma “espécie de doença” (56). Mas o representante mais significativo de todos aqueles que se esqueceram da própria vida na Fortaleza é sem dúvida o sargento Tronk.

Este “velho residente da Fortaleza” (40), sorumbático e pouco falador, já lá está há vinte e dois anos. Conhecedor de todos os seus cantos como ninguém, já nem nos períodos de licença se afasta dela. Corre a fama de ter dotes musicais, mas do seu acordeão ou das marchas militares que se diz ter escrito nunca ninguém ouviu uma nota sequer. Mas Tronk tem principalmente outra importante característica, que é decisiva para clarificar qualquer consideração a que o leitor se pudesse ver tentado quanto a um hipotético sentido de dever deontológico que pressionasse Drogo a ficar no posto que lhe havia sido atribuído. Ou seja, que um sentido de dever ou espírito de sacrifício militar pudesse fazê-lo hesitar em deixar uma Fortaleza que tanto detesta.

Tronk, o paradigma da figura militar, não só é um “especialista dos regulamentos” (40) como é também um absoluto fanático pelo seu estrito cumprimento. Quando está de serviço à guarda, os soldados primam pelo máximo rigor, tal o receio que lhes inspira. Profundo conhecedor de tudo o que à Fortaleza diz respeito, alongar-se-á numa apurada prédica sobre as falhas do procedimento do render da guarda a um Drogo recém-chegado. Este, como provavelmente a grande maioria dos leitores, desistirá de tentar acompanhá-lo ao longo da sua complexíssima teorização sobre o melhor modo de funcionamento da senha-passe. Tamanha sofisticação e rigor num lugar isolado como aquele parecem a Drogo um completo absurdo. Afinal, trata-se de um troço de fronteira sem interesse estratégico onde nada se espera que aconteça, e em que de todo o modo qualquer movimentação inimiga através do deserto defronte seria denunciada muito antecipadamente. Para o sargento, muito pelo contrário, nada parece ser de maior importância do que o apuramento minucioso de cada pormenor dos procedimentos. Perante tamanha obsessão, Drogo constata, estupefacto, como aquele homem vive num mundo à parte,

regido por normas ilusórias que ali parecem assumir toda a importância, esquecido já da existência de outros modos de vida.

Drogo olhava-o espantado. Depois de vinte e dois anos de Fortaleza, o que restava daquele soldado? Será que Tronk ainda se lembrava que no mundo existiam milhões de homens semelhantes a ele que não usavam uniforme e andavam em liberdade pela cidade, e à noite podiam, a seu bel-prazer, meter-se na cama ou ir a um bar ou ao teatro? Não (bastava olhar para ele para perceber), Tronk já se tinha esquecido dos outros homens, para ele não existia mais nada senão a Fortaleza com os seus detestáveis regulamentos. (44).

No mesmo sentido, também a ironia que o narrador denota a propósito da descrição do protocolo do render da guarda, e da seriedade com que ele é encarado pelos militares da Fortaleza, traduz de forma clara a opinião que ele e o protagonista partilham quanto à inanidade de tais procedimentos. De início a ironia é subtil: o coronel comandante assiste da janela, de acordo com a tradição. O segundo-comandante, coxo e usando a espada como muleta, observa também, tal a importância que este rito diário assume na vida da guarnição. Comandados pela voz rouca de um capitão “gigantesco” (39), os soldados, “todos em simultâneo, absolutamente em simultâneo” (40), apresentam as suas armas. Ao som das sete “famosas cornetas de prata da Fortaleza Bastiani, com cordões de seda vermelha e dourada de onde pendia um grande brasão”, cujas vozes puras como um sino fazem vibrar uma “grelha de baionetas”<sup>4</sup>, os soldados “firmes como estátuas, os rostos militarmente fechados” (40), executam a ordem unida. Por fim, o narrador não se

---

<sup>4</sup> No original: “cancellata delle baionette”.



furtará ao explícito sarcasmo: “Não, de certeza que não se preparavam para fazer os monótonos turnos de guarda; com aquele olhar de heróis, sem dúvida — parecia — iam ao encontro do inimigo” (40). Ao ridicularizar desta forma a solenidade e a bravura que estes soldados do inútil investem na sua missão, o narrador atesta o carácter fantasioso de um hipotético surgimento do inimigo.

Ao desterro que a Fortaleza é, vem assim somar-se a noção da sua completa inutilidade. A opinião de Drogo e a respectiva decisão que daí resulta não podiam ser mais claras.

O formalismo militar, naquela fortaleza, parecia ter criado uma obra-prima da insânia. Centenas de homens a defenderem um desfiladeiro por onde ninguém passaria. Sair dali, sair dali o mais depressa possível - pensava Giovanni - sair para o ar livre, deixar aquele mistério nebuloso. (36).

No seio daqueles homens que mais parecem ser “de outra raça” (45), que ali consomem as suas vidas apartados do resto do mundo, Drogo preconiza a maior das solidões. Uma solidão como nunca antes havia experimentado; uma “solidão a sério” (33), “como nunca na vida” (34), afirma o narrador. Rodeado pela imensidão desolada da paisagem montanhosa que o cerca, assoberbam-no as recordações de casa e o desejo da mundanidade, e não restarão dúvidas quanto a ser para lá que deseja voltar o quanto antes.

Perante a absoluta indesejabilidade do lugar que lhe foi destinado, Drogo mostra-se decidido a pedir a transferência imediata para um lugar na cidade. Para sua satisfação, fica a saber que não existe qualquer entrave para tal. A reacção do oficial adjunto a quem de imediato apresenta o seu pedido não poderia ser mais

compreensiva e colaborante. Não lhe são colocadas quaisquer dificuldades, até porque só aqueles que se voluntariam são destacados para a Fortaleza Bastiani — “de má vontade não queremos cá ninguém, nem sequer a última das sentinelas” (25), assevera o Major. A sua vinda parece mais ter resultado de algum engano de secretaria, podendo Drogo ir-se embora assim que o queira. Ele não só é “inteiramente livre” (27) como, é-lhe mesmo garantido, “em nenhum dos casos a sua carreira será prejudicada” (26). Terá apenas que decidir entre regressar de imediato, dando parte de doente devido à altitude — a que efectivamente muitos não se adaptam —, ou esperar pela inspecção médica regular, daí a quatro meses, que garantidamente o dará como incapacitado. Nada parece poder ser mais simples, sendo-lhe até permitido que pondere a decisão final até ao dia seguinte. Não que isso pareça necessário, as suas motivações são a este ponto perfeitamente claras. Um pouco antes, no decorrer da conversa, Drogo havia mesmo já afirmado, como que reflectindo para si próprio: “já que devo voltar, parece-me melhor que seja já” (25).

Mediante o que assim é narrado, o leitor reconhecerá então em Drogo todas as razões para repudiar a Fortaleza. Não só ela não lhe pode proporcionar o género de vida mundana que deseja, como o sentimento de solidão que o lugar acarreta lhe é intolerável. Por outro lado, a inutilidade estratégico-militar daquele reduto não lhe suscita qualquer espécie de dever deontológico que possa inibir uma vontade de se ir embora. Pelo contrário, tudo lhe parece uma artificialidade sem propósito, um esforço inútil e injustificável. Além disso, torna-se também claro que tem todos os meios e possibilidades para reverter a situação em que se encontra — concretizar a transferência nem lhe acarretará qualquer prejuízo profissional nem sequer merecerá

especial atenção ou estranheza por parte da instituição. E no entanto, o romance conta como dia após dia, hesitação após hesitação, Drogo acabará por eternizar indefinidamente a sua presença na Fortaleza. O tempo passará sobre si, os anos acumular-se-ão, até que, já idoso e debilitado, será por fim expulso, e ainda assim sob o seu protesto. O seu caso constitui uma profunda contradição, uma autêntica perplexidade para a qual o leitor inevitavelmente desejará encontrar uma resposta.



## 2 - Mentiras e Desmentidos da Narrativa

Se o comportamento da personagem resulta numa flagrante contradição com o que é dado saber sobre as suas motivações, por outro lado, a narrativa não será elucidativa quanto às razões que possam justificar tão surpreendente comportamento. Ao longo da história são aventadas várias possibilidades que parecem poder explicar porque acabou Drogo por ficar na Fortaleza, mas, concomitantemente, cada uma delas acabará também por ser desmentida e destituída de verdadeiro fundamento. Deste modo, em vez de o resolver, a narrativa acentua ainda mais o paradoxo com que o leitor se vê confrontado.

Exemplo paradigmático deste dizer e desdizer por parte da narrativa é o que encontramos a propósito do episódio em que, após quatro anos de permanência, Drogo se desloca à cidade para apresentar pessoalmente um pedido de transferência ao comandante de divisão (capítulos XVII a XX). Que a sua motivação para deixar a Fortaleza de forma definitiva é a esta altura muito forte, é algo que a narrativa expressa de forma clara. Nesse propósito são usados relevantes processos retóricos, como se evidenciará no próximo capítulo. Aliada a esta determinação com que se dirige ao comando, Drogo leva ainda a confiança de ver o seu pedido ser diferido — os quatro anos que entretanto cumpriu na Fortaleza a isso lhe dão pleno direito. No entanto, vendo-se enredado num imbróglio burocrático de características kafkianas, contra o que seria de esperar, a transferência é-lhe recusada. O desapontamento é iniludível. Drogo é dominado por um verdadeiro terror, perante a ideia que se perspectiva: “Giovanni Drogo empalidecera. ‘Mas então, Excelência’, perguntou quase a gaguejar, ‘então eu corro o risco de ficar lá em cima toda a vida’ “ (164). Receios

fundamentados, por certo, mas insuficientes para demover um todo-poderoso e indefectível general.

Os factos assim narrados parecem autorizar a ideia de que a explicação para a permanência de Drogo na Fortaleza não consistiria afinal em nenhum mistério particular. Ele teria, muito simplesmente, sido forçado a ficar em virtude de uma qualquer dificuldade burocrática. Pese embora tencionando de facto regressar à cidade, tal como afirma, ter-se-ia visto obstado a tal por uma ordem superior ou por incontornáveis determinações institucionais. Submetido por imposições desta ordem, que nunca poderia contrariar, outra coisa não lhe restou senão conformar-se contra vontade àquele lugar perdido, condenado a uma vida de exclusão que nunca desejou. Esta hipótese é contemplada por Dana Sala, quando diz: “he has come here to stay for just four months but he remains until retirement because it is not possible to disobey in a military system and his superiors postpone indefinitely the day of his release” (Sala 2010: 57).

Mas se por um lado isto é o que parece lógico deduzir-se a partir do que é contado, de imediato o narrador se encarrega de contradizer essa ideia, vindo lembrar que Drogo não se encontra, literalmente, prisioneiro na Fortaleza, e que outros recursos lhe restariam: “Não se rebelou, pois; não pediu a demissão, engoliu a injustiça sem uma palavra e está de volta ao seu posto” (167). Demonstrando ainda que essa não é apenas uma opinião do narrador, mas algo de que o próprio Drogo estará bem ciente, os seus pensamentos são reproduzidos em discurso directo, expressando a mesma ideia: “ ‘Também podia deixar aquilo, pedir a demissão’, pensou, ‘ao fim e ao cabo não morrerei à fome, e ainda sou jovem’ ” (165). Ou seja, o próprio protagonista se encarrega de desmentir a hipótese de ter sido por causa de um impasse

burocrático, ou sequer em virtude de uma ordem superior, que ficou na Fortaleza. Além disso, ao refutar a hipótese da imposição institucional, todo o género de condicionantes equiparáveis que pudessem ainda ser consideradas resultam também eliminadas — por exemplo, uma impreterível necessidade de sustento pecuniário, um vínculo contractual irrevogável com a instituição militar, ou até um dever ético a que Drogo se sentisse obrigado. Nunca é mencionada a existência de qualquer razão que impeça Drogo de, simplesmente, pedir a demissão. Não o veremos dizer, ou o narrador, algo como: podia pedir a demissão, *não fosse o facto de* precisar do ordenado, de estar sujeito a um contrato, ou, sequer, de não ser eticamente correto demitir-me, etc. Se ficou, pode-se concluir, não foi porque algo o obrigasse a isso mas unicamente em resultado do que ele próprio, livre de condicionantes externas, decidiu fazer — contradizendo o que afirma tencionar fazer.

Se o motivo do impasse burocrático pode de algum modo parecer um tanto ou quanto prosaico como justificação para a contraditória permanência de Drogo, ele é contudo importante para perceber aquele que revela ser um padrão que persiste no romance. Com efeito, assistimos ao mesmo género de desmentido por parte da narrativa mesmo a respeito de outras hipóteses explicativas de ordem mais profunda e complexa do que esta, que igualmente são suscitadas. Vejamos alguns exemplos.

Uma explicação que a narrativa sugere para o inusitado comportamento de Drogo é o modo displicente com este que teria encarado o passar do tempo. O tempo é com efeito um tema (ou talvez mesmo o tema) predominante na obra de Buzzati. O “rio do tempo”, a “fuga do tempo”, a “corrente do tempo”, essa “torrente” que tudo arrasta consigo, são expressões que encontramos com frequência, sendo este um dos

aspectos que notoriamente sobressai do conjunto das suas várias obras. A questão é dominante logo no seu primeiro romance, *Bàrnabo delle Montagne* (1933; *O Homem da Montanha*, na edição portuguesa), onde pontuam já as manifestações de angústia pela inexorabilidade do passar do tempo. “Parece que foi ontem, no entanto a pouco e pouco foi-se formando a mancha na parede. É assim que o tempo passa” (Buzzati 1960: 32), dirá a dado momento o narrador. E o próprio protagonista reflecte: “tudo se sumirá com o tempo” (*idem*: 154). A angústia pela finitude da vida, a noção de que, por mais rápido que se seja, o tempo acabará sempre por nos ultrapassar, são dificuldades existenciais que povoam com insistência o universo buzzatiano. Poderíamos subscrever as palavras de Kenneth Atchity, quando diz: “among the pervasive themes associated with Buzzati’s fiction (...) I’m not alone in recognizing that of time as the dominant obsession” (Atchity 1978: 3).

*O Deserto dos Tártaros* não constitui excepção a este *leitmotiv*, antes representando o seu exemplo por excelência, e onde porventura a sua expressão encontra maior eficácia. O caso de Drogo pode ser visto como o de alguém que descurou o tempo, o seu carácter unidireccional, a sua fugacidade e volatilidade. Cometendo a falta irremissível de se ter imaginado eternamente jovem, beneficiário de um tempo inesgotável, teria perdido a noção do tempo, desperdiçando-o de forma irresponsável. Nesse sentido aponta a leitura de Atchity, para quem Drogo teria sacrificado uma percepção objectiva do tempo a uma espera por um acontecimento que lhe proporcionasse a confrontação de que necessita para a sua realização como pessoa. Em função deste que é um objectivo puramente individualista e egoísta, o passar do tempo perde o seu carácter preciso, universal e cientificamente definido, para surgir relativizado, subjectivizado, determinado pela ilusão que Drogo alimenta.



Afirma Atchity: “it is clear that Drogo’s sense of time is essentially subjective” (*idem*:

9). Ou mais concretamente:

His individual search for heroism, because of the obstinacy of the enemy, has been fruitless; because, however, he is still hopeful, his youth (which is, after all, a matter of expectancy) remains with him and time does not overcome.

(*idem*: 8).

Assim, para Atchity, a permanência de Drogo na Fortaleza deve-se principalmente a um estado de inconsciência quanto ao decorrer do tempo, própria de uma esperança iludida que é também característica da juvenilidade.

Também Luca Trabucco se refere a uma deturpação semelhante da percepção do passar do tempo. Na sua leitura, que surge de uma perspectiva psicanalítica, o romance sugere ser um longo sonho motivado por um estado de *stress* emocional associado a uma determinada fase da vida do protagonista. Perante a iminência de algo que sente ameaçar a sua “homeostase”, ele teria posto em acção certos mecanismos de defesa com vista a evitar esse afrontamento traumático, nomeadamente “la negazione del tempo, con la conseguente sospensione dell’esperienza in uno stato di ‘attesa’ ” (Trabucco 2012: 1). Assim indefinidamente adiados, os acontecimentos que receia são substituídos por uma espera que é tão inócua quanto estéril. Ao contrário de Atchity, para quem o prolongamento do tempo visaria assegurar a possibilidade de continuar a espera por um acontecimento que desejava, para Trabucco, esse mesmo prolongamento do tempo procura antes evitar a chegada de algo que teme. Mas seja por uma razão ou por outra — ou simplesmente pelo efeito exercido pelo deserto, como sugere Hervé Vautrelle, para quem “un espace

hors norme occasionne dans la conscience des personnages la révélation transgressive d'une temporalité dissoute ou distordue" (Vautrelle 2008: 396) —, em comum, estas leituras vêm na degradação da capacidade de avaliação do tempo uma explicação para o prolongamento da permanência na Fortaleza.

Os exemplos em favor duma interpretação essencialmente focada na questão do tempo são inúmeros e bastante evidentes. Veja-se nomeadamente a longa prédica que no capítulo VI o narrador faz sobre "a irremediável fuga do tempo" (50), num misto entre um retrato geral da condição humana e o que é uma autêntica admoestação dirigida a Drogo, pela sua negligência com respeito ao passar do tempo. Ilustra-o o seguinte trecho:

Mas a certa altura, quase instintivamente, voltamo-nos para trás e vemos que uma cancela se fechou nas nossas costas, obstruindo-nos a via de regresso. (...) percebemos que o tempo passa e que também a estrada um dia deverá terminar. (...) Mas Giovanni Drogo naquele momento dormia, alheado, e sorria no sono como fazem as crianças. (51).

Noutra altura, agora no capítulo X, o discurso indirecto livre denuncia o tom de aviso, ou de censura, implícitos na caracterização que é feita da postura de Drogo face ao tempo:

Tinha muito tempo à sua frente. Tudo o que há de bom na vida parecia estar à sua espera. Que necessidade havia de se preocupar? (...) Quanto tempo diante de si! Mesmo um só ano já lhe parecia longuíssimo, e os anos bons tinham apenas começado; pareciam formar uma sequência muito longa da qual era impossível vislumbrar o fim. (79).

Este aviso culminará na inequívoca e sentenciosa acusação: “Mas Drogo não conhecia o tempo” (*idem*).

E no entanto, podemos ainda assim perguntar-nos até que ponto é seguro afirmar que foi por não estar consciente do passar do tempo que Drogo acabou por ficar toda a vida na Fortaleza. Interessará descortinar o que encontramos no romance em favor ou em contradição com tal hipótese, e até que ponto esta perspectiva se revela estável na narrativa.

Se por um lado são abundantes os exemplos em favor da ideia de que Drogo, por irresponsabilidade ou por inconsciência, descarta o tempo, outros tantos há que a contradizem, sugerindo antes o contrário. Desde logo, a preocupação com o uso que faz do tempo é a razão que o leva a repudiar a Fortaleza e a desejar regressar à cidade. Não temos motivos para pensar que reagiria da mesma maneira caso se tratasse de ficar por apenas alguns dias. Não é esse o género de recusa que manifesta, como podemos imaginar que seria se, por exemplo, se tivesse deparado com algo que o repugnasse ao ponto de não suportar lá ficar um dia sequer. O que a todo o custo quer evitar é o desperdício de tempo que para si significaria ficar ali prolongadamente. Esse é o receio e a angústia que ficam patentes, por exemplo, nesta sua reflexão:

[E] se na realidade, mesmo passados quatro meses não o deixassem ir embora? Se, com pretextos regulamentares sofisticados, o impedissem de regressar à cidade? Se tivesse de permanecer lá em cima durante anos e anos, e naquele quarto, naquele leito solitário, houvesse de consumir-se a sua juventude? (36).

Que a indesejabilidade da Fortaleza está directa e proporcionalmente relacionada com o prolongamento do tempo nela passado é também evidenciado nestoutro lamento:

Porque é que não se tinha ido logo embora?, censurava-se. Porque tinha cedido às diplomacias melífluas do Matti? Agora tinha de esperar que passassem quatro meses, cento e vinte longos dias, metade dos quais de guarda às muralhas. (45).

O próprio juízo que Drogo faz daqueles que lá vivem reflecte a sua consciência e preocupação com o passar do tempo. Como já vimos, pelos dezoito anos que passou naquele lugar o capitão Ortiz merecer-lhe-á o epíteto de “cretino” (18). Mas também Tronk, o fanático dos procedimentos, será julgado em função do mesmo critério: “Depois de vinte e dois anos de Fortaleza, o que restava daquele soldado?” (44). E da reflexão que lhe suscita a visita ao alfaiate Prodocimo, no capítulo VII, sobressai precisamente a mesma preocupação quanto ao desperdício do tempo: “Por esta vaga possibilidade que parecia cada vez mais incerta à medida que o tempo passava, aqueles homens feitos consumiam ali a melhor parte da vida” (58).

Poder-se-ia, é certo, admitir a hipótese de que esta consciência do tempo que de início Drogo manifesta se teria visto progressivamente esbatida à medida que se prolongava a permanência na Fortaleza. Mas o facto é que, mesmo numa fase mais tardia da história, a narrativa evidencia não ser esse o caso, bem pelo contrário. Assim, quando, quatro anos já passados, Drogo resolve voltar para a cidade, o narrador mostra como o tempo é ainda o factor principal e determinante na sua decisão de deixar a Fortaleza: “Adeus, major Ortiz, melancólico amigo que já não és capaz de deixar este casebre; e como tu tantos outros, que tempo de mais porfiaram em esperar; o tempo foi mais veloz do que vós, e já não podeis recomeçar” (146). E um pouco mais adiante: “Durante estes anos, enquanto estava na Fortaleza, certamente

perdeu muitas oportunidades boas, mas Giovani ainda é jovem, tem todo o tempo para remediar isso” (*idem*).

Já na cidade, a propósito do reencontro com aquela que deixara como noiva, teremos novas evidências da sua consciência do tempo. O narrador diz-nos, nomeadamente, que nesse momento Drogo “sentiu a medida do tempo que passara” (153). Apercebendo-se da distância que se interpõe agora entre ele e Maria, responsabiliza o tempo que entretanto decorreu.

Mas algo se interpusera de facto entre eles, um véu inexplicável e vago que teimava em não se diluir; talvez se tivesse desenvolvido lentamente, durante a longa separação, dia após dia, separando-os sem que nenhum deles o soubesse. (155).

E de modo próprio a alguém perfeitamente consciente das consequências do passar do tempo, reflecte:

Quem sabe, talvez este primeiro encontro depois de um afastamento tão longo não pudesse ser diferente; talvez nos possamos encontrar de novo, tenho dois meses de licença, assim de repente não se pode fazer um juízo. (157).

Não será só a propósito do encontro com Maria que o vemos sensível ao peso do tempo. Também quanto à casa materna — “a casa parecia-lhe vazia em comparação com outros tempos” (149) —, ou aos amigos que reencontra diferentes do que deixara — “em quatro anos tinham-se afastado uns dos outros. Por mais que tentasse não conseguia fazer renascer as conversas dos velhos tempos” (150) — nem

os efeitos da erosão do tempo são escamoteáveis nem Drogo se lhes mostra indiferente.

Mesmo muito mais tarde, tendo Drogo já quarenta anos de idade, se por um lado o narrador o critica por não se aperceber de como “o futuro se reduziu drasticamente” (201), por continuar a vê-lo como “uma riqueza inesgotável que se podia esbanjar sem correr riscos” (*idem*), simultaneamente diz-nos também que Drogo sente uma “cada vez maior” “inquietação obscura das horas que se escoam” (*idem*); ou ainda como, ao aperceber-se que todo o tempo de uma geração tinha já passado, “olhava em volta apavorado, sentindo declinar o seu destino” (203). Não se poderá também negar que as evidências de quinze anos entretanto decorridos não lhe passam desapercibidas. Há novas gerações de soldados que chegam, “reconhecem-se nos rostos as marcas dos anos” (200), já não se “[sobem] os degraus a correr, dois a dois” (201), etc.

Desta forma, dirimindo argumentos em favor com demonstrações do seu contrário, a narrativa parece sobretudo querer evidenciar quão pouco verosímil se torna ver na incúria do tempo a explicação para a não concretização do regresso à cidade. Se é verdade que em certas ocasiões o narrador acusa o protagonista de estar iludido, “julga[ndo] ter uma imensidade de tempo à sua disposição” (167), é impossível não notar também como noutras esse mesmo narrador se encarrega de demonstrar que ele está afinal bem ciente dessa “fuga do tempo” (77).

Outras leituras tendem antes a situar a explicação para a paradoxal permanência de Drogo numa esperança que ele acalentaria no surgimento de uma guerra, e com ela a oportunidade para realizar um acto heróico. Jorge Luis Borges, que

incluiu o romance de Buzzati numa selecção das cem obras que constituiriam a sua biblioteca pessoal, escrevia no prólogo que lhe dedicou: “Este livro (...) rege-se pelo método da postergação indefinida e quase infinita (...). Há uma véspera, mas é a de uma enorme batalha, temida e esperada. (...) O deserto é real e é simbólico. Está vazio e o herói espera multidões” (Borges 1999: 462). Assim, para Borges, a explicação para a paradoxal permanência do protagonista num lugar que vai contra os seus desejos é a espera por uma guerra que permita preencher um vazio existencial. Apesar do repúdio que a Fortaleza lhe merece, ele teria ficado em nome dessa possibilidade.

Desta perspectiva partilha Luciana Pietrosi, para quem o tenente Drogo “consume la própria vita nel Forte Bastiani in una inutile attesa della gloria o soltanto di un evento eccezionale che rompa la routine della vita di caserna, (...) quello che è il destino dell’uomo comune” (Pietrosi 1965: 397). Na mesma linha de pensamento, também Antonio Candido refere a ilusão de uma guerra que desse a oficiais e soldados “a oportunidade de mostrarem o seu valor. Por isso vivem todos numa expectativa permanente, que ao mesmo tempo é esperança, — a esperança de poder um dia justificar a vida e ter a oportunidade de brilhar” (Candido 1990: 57).

Mas também neste caso, o leitor encontrará na narrativa razões para encarar com cepticismo a validade desta hipótese. Em não raras ocasiões, o narrador mostra como a opinião geral entre todos os que habitam a Fortaleza é de que uma guerra naquele lugar constitui uma absoluta improbabilidade. É pelo menos algo tão implausível que permanecer na Fortaleza em função dessa possibilidade seria sempre um acto absurdo. Já o Capitão Ortiz, acompanhado de quem Drogo chegou pela primeira vez à Fortaleza, havia reconhecido que as histórias sobre os tártaros eram “mais uma lenda do que outra coisa” (17). Aquela fronteira era de tal modo desprovida

de importância estratégica que “não deve ter passado por lá ninguém, nem sequer durante as guerras do passado” (*idem*). A mesma ideia é também veiculada pelo seguinte diálogo, reforçada agora pelo evidente sarcasmo que o pontua, entre Drogo e um velho habitante da Fortaleza.

‘Uma guerra do lado do deserto?’

‘Do lado do deserto, provavelmente’, confirmou o velhote.

‘Mas quem? Quem é que havia de vir?’

‘Como quer que eu saiba? Nunca há-de vir ninguém, claro está. Mas o nosso coronel comandante estudou os mapas, diz que ainda há lá tártaros, diz ele que é um resto do antigo exército que por lá anda em correrias de um lado para o outro.’

Na penumbra ouviu-se a galhofa imbecil dos três ajudantes. (56).

Se ainda assim alguns parecem alimentar a crença nessa “vaga possibilidade” (58), como uma “espécie de doença” (56), Drogo demonstra contudo permanecer lúcido e a salvo de tentações quiméricas. O narrador mostra como ele se distancia prontamente desses homens iludidos, que “não se tinham adaptado a uma existência comum, às alegrias das pessoas normais, a um destino mediano” (58). Percebendo como estão tomados por uma ilusão, pensa de si para si, “com alívio, que estava de fora, espectador incontaminado” (*idem*).

Será aliás interessante reparar como é caracterizada a verdadeira vocação heróico-militar de Drogo, e em toda a ironia que o narrador deixa, mais uma vez, transparecer quanto a eventuais fantasias militares naquele lugar. Podemos apreciá-lo quando, no capítulo XII, chega a vez de Drogo comandar o destacamento de guarda ao



Reduto Novo, um posto avançado onde, por vinte e quatro horas, estes homens ficarão entregues a si mesmos face ao imenso deserto que se estende defronte. A missão é encarada como comportando uma responsabilidade incomensurável, “o próprio rei, dentro daquelas muralhas, durante vinte e quatro horas contava menos que Drogo” (90), esclarece ironicamente o narrador. Consequentemente, a inspiração apodera-se do jovem tenente. Continuará o narrador:

Como era costume ao pôr-do-sol, o espírito de Drogo era invadido por uma espécie de animação poética. Era a hora das esperanças, e ele uma vez mais meditava nas fantasias heróicas tantas vezes architectadas nos longos turnos de guarda e aperfeiçoadas em cada dia com novos pormenores. (90).

Mesmo se consciente de que tudo não passa de “histórias heróicas que provavelmente nunca aconteceriam, mas que no entanto serviam para encorajar a vida” (91), Drogo entrega-se ao devaneio. E não é modesto: imagina-se a liderar aquele pequeno grupo de homens do Reduto Novo numa corajosa e dramática batalha frente a um inimigo largamente mais numeroso. Quando a derrota parece já inevitável, eis que no último momento chegam os reforços salvadores. Pela bravura com que resistiu, o próprio rei em pessoa viria debruçar-se sobre um Drogo esgotado, caído ferido e ensanguentado, para proclamar “bravo!” (*idem*). Depois, moderando um pouco as suas ambições, prescinde já da ferida, de ser um herói, e até do “bravo!” real. Bastar-lhe-ia afinal participar numa batalha, uma só bastaria para ficar satisfeito “para toda a vida”, desde que o fizesse “em uniforme de gala” (*idem*).

A ironia é evidente, e tanta heroicidade revela com efeito ser muito frágil. A escuridão da noite que avança, trazendo consigo “o sussurro do medo” (94),

rapidamente refreia a voluptuosidade guerreira de Drogo. Para piorar a situação, eis que um acontecimento anormal vem perturbar a habitual tranquilidade das montanhas e do deserto. Um cavalo selado mas sem cavaleiro à vista aparece a vaguar nas imediações do reduto. As conjecturas entre os soldados multiplicam-se. Será um sinal de que os inimigos estão perto? Talvez estivessem já ali, “acaçapados<sup>5</sup> por entre as moitas”, “imóveis e mudos, de dentes cerrados: espera[ndo] pelo escuro para atacar” (96). Poderia a superstição “ridícula” e “absurda” de que todos falavam ser afinal verdade? O que é facto é que perante tal hipótese Drogo se acobarda, esquece de imediato todas as suas ambições heróicas e deseja apenas que tudo possa voltar a ser como até ali, “não avistar mais nada senão pedras e moitas, nada mais senão a planície como ela sempre tinha sido, solitária e vazia” (95). Assustado, já não é sequer capaz de comandar os seus homens, salvando-o a presença do sargento Tronk, essa autêntica personificação da figura militar cujo sangue frio contrasta com um assustado Drogo, que se lamenta: “tinha de me acontecer logo a mim; agora vamos ter sarilho” (92). E em absoluto contraste com o sargento, que se mantém alerta pela noite fora, o jovem tenente acabará por adormecer sobre a muralha de onde vigiava o surgimento do inimigo.

Noutro momento, a narrativa é ainda mais explícita quanto às reais motivações bélicas de Drogo. Passados os primeiros quatro meses, e tal como havia sido previamente acordado, Drogo aproveitará a inspecção médica regular para beneficiar de um atestado médico que o dará como inapto para aquelas altitudes, assim garantindo uma pronta transferência para a cidade. No último instante, contudo, muda de ideias e decide ficar na Fortaleza. Sobre as razões que o terão conduzido a

---

<sup>5</sup> “Appiattati” no original.

essa decisão muito haverá que ponderar, e a este episódio se voltará inevitavelmente mais adiante. Mas por ora, o que é pertinente notar é o que nesse momento nos é dito quanto à possibilidade de na origem dessa escolha ter estado alguma espécie de ambição militar. Afirma o narrador:

Ainda que tivessem soado as trombetas, que fossem entoados cânticos de guerra, ou que do norte chegassem mensagens inquietantes, se fosse apenas isso, Drogo não teria desistido de partir. (75).

Ou seja, mesmo que houvesse algum prenúncio de guerra — que não há — esse não seria ainda assim motivo suficiente para cancelar a partida prevista. A haver um motivo, afirma sem margem para dúvidas o narrador, ele será outro.

É verdade que, mais tarde, Drogo parece acabar por se deixar contaminar pela crença na possibilidade de uma guerra, sobre a qual o narrador diz que mantém uma “esperança secreta” (195). Aquele mesmo que não muito tempo antes víamos a caminho da cidade com o firme propósito de pedir transferência — esse que reflectia, lucidamente: “E então adeus, Fortaleza, (...) a planície a norte continuará a estar deserta, os inimigos não virão nunca, jamais alguém virá assaltar as tuas pobres muralhas” (146) —, é o mesmo que paradoxalmente se permitirá em seguida alimentar a ideia de uma guerra. Essa expectativa ter-se-á devido a uns indefinidos movimentos vagamente perceptíveis no horizonte, que acabariam por dar azo a rumores de que se havia iniciado a construção de uma estrada através do deserto, em direcção à Fortaleza. A obra revela contudo ser de uma “extraordinária lentidão” (197), perante a enorme distância a vencer. Serão precisos quinze anos até que a estrada seja por fim concluída. Depois, decorrerão ainda outros dez de total abandono, até que

surjam finalmente os primeiros sinais belicistas por parte do país vizinho. Vinte e cinco anos de espera, portanto. É inevitável pensar que, se a guerra fosse realmente a grande motivação de Drogo — algo que a narrativa de todo não corrobora —, o mais natural seria que tivesse procurado o seu momento de glória militar noutra lugar em que tal se mostrasse mais provável e lesto de acontecer do que na Fortaleza Bastiani.

Ainda outra explicação que a narrativa também propõe é que Drogo se teria deixado ficar na Fortaleza por força do hábito. Retomando a citação de há pouco: “Ainda que tivessem soado as trombetas (...), Drogo não teria desistido de partir; mas já se apoderara dele o torpor da habituação” (75); ao que o narrador acrescentará ainda: “Ao ritmo monótono do serviço, quatro meses tinham bastado para ele cair no engodo” (*idem*). Ou seja, o que se sugere é que Drogo se teria deixado enredar no hábito, no torpor que a ele vem associado, sacrificando com isso o discernimento que seria necessário para manter vivos os seus objectivos e para agir em prol da sua felicidade. Ao ser apanhado na rede do hábito, por ele anestesiado, ter-se-ia deixado arrastar na “corrente do tempo” sem lhe resistir.

Luigi C. Borelli parece privilegiar esta explicação: “Partito con l’intenzione di passarvi poco tempo, a poco a poco si abitua a quell’aria, a quell’inerzia, a quele montagne. Chiede di prolungarvi la permanenza. E finisce com lo spendervi tutta la vita. La fortezza lo inghiotte” (Borelli 1956: 94). Desta opinião partilha Pierina Castiglione, que refere o torpor, o abandono ao sonho causado pelo hábito em que Giovanni Drogo se terá deixado enredar: “Perché in Drogo che passa invano tutta la vita alla fortezza si ede chi, abbandonandosi al sogno, fa dell’attesa una scusa per non agire, e si culla nel torpore dell’abitudine dimenticando la ‘fuga del tempo’”

(Castiglione 1957: 198). Também Bárberi Squarotti afirma que Drogo “s’illude di inseguire un’avventura, ma è prigioniero de il torpore delle abitudini” (Squarotti *apud* Parisi 2005: 91).

Mas ver no hábito uma explicação implica também aceitar que por força desse hábito a opinião de Drogo se tivesse alterado, passando a sentir a permanência na Fortaleza como uma coisa boa, que teria acabado por desejar. A não ser assim, se o hábito não lhe alterou a opinião, continuamos sem explicar porque ficou, se não era essa a sua vontade. Ou então, hipótese absurda, teríamos que admitir que o hábito constituiria uma razão tão justificável quanto a própria vontade; ou seja, que o hábito só por si representaria um valor. Seria assim tão válido dizer “fico por hábito” como dizer “fico porque isso me traz felicidade” ou “fico porque é o meu dever”, pois o hábito seria um valor equiparável à felicidade ou a um imperativo moral.

A única hipótese que se mostra viável é então considerar que, por causa do hábito, ficar na Fortaleza tivesse passado a ser uma coisa satisfatória. Com efeito, esse parece ser o modo como o narrador caracteriza esse hábito. Logo após a abertura do capítulo X, sucedem-se seis parágrafos que começam todos pela palavra “hábito”. O narrador passará assim a descrever em que consiste esse hábito, ou esse “engodo”<sup>6</sup>, em que diz que Drogo se deixou aprisionar. Hábito será então o “especial prazer” (76) de dominar cada vez melhor a execução dos seus deveres, e a “crescente estima” (76) que por isso sente receber dos que o rodeiam; hábito é a crescente cumplicidade com os companheiros, e o cavaqueio num ambiente “confortável” e “acolhedor” (76); os passeios a cavalo até à povoação mais próxima para “sumptuosas refeições”, onde se “ouviam risadas frescas de raparigas” (76); os torneios de destreza nas tardes de folga

---

<sup>6</sup> No original, “invischiarlo”.

e as pacientes partidas de xadrez entre companheiros; as “tranquilas leituras” (76); o perfeito conhecimento dos objectos que o rodeiam e o à-vontade que alcançou no seu manejo — a exacta distância a que se situa o candeeiro da mesa-de-cabeceira, o jeito da fechadura da gaveta, o ranger da porta em tempo de chuva. Tudo, enfim, coisas que “se tinham tornado já suas e deixá-las ter-lhe-ia causado desgosto” (77).

Ora um hábito assim parece assemelhar-se mais a verdadeiro e legítimo prazer. Se relermos os mesmos parágrafos mas trocando agora a palavra *hábito* por *satisfação*, *contentamento*, ou mesmo por *felicidade*, eles não perderão de modo algum o seu sentido. Muito pelo contrário, ficará bem clara a desadequação de associar aos episódios e estados de espírito descritos a carga negativa que a narrativa parece querer relacionar com a ideia de hábito. Se Drogo está a ser enredado por todas aquelas coisas que se descrevem, isso assemelha-se muito mais a uma genuína felicidade do que a uma lamentável condição causada por um hábito que a narrativa caracteriza de pernicioso. Não se afiguraria com efeito lógico que o hábito só por si pudesse manter Drogo na Fortaleza, se não fosse coadjuvado por uma opinião sobre essa Fortaleza que entretanto se tivesse revertido positivamente.

Podemos então crer que Drogo tenha acabado por encontrar a felicidade na Fortaleza? Isso não consistiria em nada de extraordinário ou inaudito, e o seu caso seria até muito simples. Diríamos apenas que Drogo acabou por ser feliz num sítio onde não previra poder sê-lo. A certa altura o narrador parece querer evidenciar isso mesmo.

Mas por agora ei-lo, temerário e despreocupado (...). Uma Lua grande e muito branca iluminava o mundo. O forte, os penhascos e o vale pedregoso a norte

estavam iluminados de uma luz espantosa, até a cortina de névoa estagnada no extremo setentrional resplandecia. (77).

E mais adiante, de forma explícita: “Drogo ficou só e sentiu-se praticamente feliz. Saboreava com orgulho a sua determinação de ficar” (78).

Mas não fugindo ao padrão de se auto contradizer, a sugestão de que Drogo teria encontrado na Fortaleza uma felicidade capaz de o manter ali a longo prazo é algo em que a própria narrativa não nos permite acreditar. Desde logo porque o tom em que de imediato o narrador adverte sobre os perigos dessa felicidade-hábito inviabiliza essa ideia. Dirá nomeadamente: “Não havia ninguém que lhe dissesse: ‘Tem cuidado, Giovanni Drogo!’ A vida parecia-lhe inesgotável — obstinada ilusão — muito embora a juventude tivesse já começado a fenecer” (79). Esta espécie de felicidade parece mais traduzir um estado iludido do que ser merecedora de confiança. A esse estado iludido alude também o episódio em que Drogo julga ouvir um dos soldados de vigia às muralhas a cantarolar, algo que constitui uma infracção grave. Preparando-se para admoestar o prevaricador, Drogo apercebe-se, para seu embaraço, tratar-se afinal do ruído produzido por uma cascata na montanha. Confundir “o homem sensível ao frio, aos castigos e ao amor”, com “a montanha hostil” (81) traduz o carácter pernicioso deste seu súbito entusiasmo pela Fortaleza, em que se se vê comprometida a capacidade para distinguir a realidade dos homens da ilusão por que se governam aqueles que ali vivem. Desse perigo se dá conta o próprio Drogo quando, com um “arrepio lento [que lhe percorre] a espinha” (80), se apercebe do seu engano.

A própria evolução da intriga se encarregará de desmentir a ideia de que Drogo tivesse por fim encontrado a felicidade na Fortaleza. Mais tarde, reconhecendo “as míseras coisas que o ligam à Fortaleza” (75), apresentará um novo pedido de

transferência. Esta felicidade — ou, como a designa o narrador, este hábito — revela afinal ser de carácter “perigoso”, uma ilusão que urge “remediar” (146) quanto antes. Mas o que ainda assim mais nitidamente se opõe a esta possibilidade é a inegável prevalência em todo o romance do mesmo sentimento de angústia, dúvida e culpa que atinge o protagonista continuamente. Muito mais do que qualquer sugestão de felicidade, é o premente e perene conflito que ele sofre que prevalece na narrativa. Na ausência dessa felicidade, não é de todo possível crer que o hábito fosse por si só suficiente para o reter naquele lugar.

Outra possibilidade que a narrativa sugere é que Drogo seria vítima de um inefável encantamento exercido pela Fortaleza. A esse encanto alude por exemplo o narrador quando, num momento em que a infelicidade de Drogo é bem evidente, refere como apesar de tudo “um resto de encanto pairava sobre o perfil dos redutos amarelos” (169). Para Tim Parks, este revela ser o aspecto fundamental: “To read *The Tartar Steppe* is to be asked to take the idea of enchantment seriously” (Parks 2001: s/p). Parks mostra nomeadamente desvalorizar a hipótese de que Drogo fosse movido por ambições militares, afirmando que “he understands perfectly that there is no hope of ordinary human fulfilment here, or military glory for that matter” (*idem*). Na sua opinião, a verdadeira razão para a permanência será antes o encantamento que o atinge. Como diz, “Drogo is enchanted” (*idem*), um encantamento que Parks propõe que seria produzido pela montanha em redor, ou até pela estética contida num gesto militar que, paradoxalmente, é tanto mais sedutor quanto, naquele lugar, se revela inútil e absurdo: “Once, there were real enemies, bloody battles to be fought (...). Now



the gesture is entirely cut off from any other reality, it lives only in the mind, entirely absurd, and paradoxically all the grander and more seductive for being so” (*idem*).

Também Ellen Neremberg afirma que “Drogo is fascinated by the desert” (Neremberg 1997: 224). Neremberg recorda que o próprio Buzzati se referira ao efeito soporífero do deserto defronte à Fortaleza, dizendo ser “come la droga” (*idem*). Neremberg sugere mesmo que o nome do protagonista, Drogo, pode ser visto como um trocadilho de *drogato*, um estado que caracterizaria bem a imobilidade que o reteve naquele lugar.

Mas da mesma maneira, a narrativa contraria em várias ocasiões a persuasão dessa possibilidade. Fá-lo, por exemplo, durante a já mencionada visita ao alfaiate, quando se diz que, para Drogo, “os obscuros fascínios da velha praça-forte tinham-se dissolvido de modo ridículo” (59). Noutra altura, em que Drogo se mostra decidido a pedir transferência, o narrador torna a dar conta do modo perfeitamente desassombrado com que olha agora a Fortaleza, curado já do fascínio dos primeiros tempos: “[É] a parede de um quartel e nada mais. Contudo, um dia, num Setembro longínquo, o oficial ficara a olhar para ela quase fascinado; nesse dia essas paredes pareciam encerrar para ele um severo mas invejável destino” (145). A mesma ideia será reforçada alguns parágrafos mais à frente, culminando na afirmação “e então adeus, Fortaleza, ficar aqui seria perigoso, o teu mistério fácil desfez-se” (146). E mais adiante na história, nova confirmação do desencantamento e da forma pragmática como Drogo vê agora a situação e o real significado da Fortaleza.

[A Fortaleza] já não encerrava, como da primeira vez, segredos inquietantes. Na verdade não passava de um quartel fronteiroço, uma praça-forte ridícula, cujas

muralhas não teriam resistido mais do que poucas horas aos canhões de modelo mais recente. (168).

Ou seja, à semelhança dos casos anteriores, também a hipótese do encantamento, como justificação para o comportamento de Drogo, é simultaneamente sugerida e desvalorizada pela narrativa.

Verifica-se assim que a narrativa se empenha em desmentir as várias hipóteses explicativas que ela própria sugere. Tentar concluir, de entre todas estas possibilidades, qual poderá ser a explicação mais acertada para o comportamento de Drogo revela-se improfícuo. Todas elas são suportadas por elementos que comprovadamente a narrativa fornece, mas da mesma forma, todas elas são também postas em causa pela narrativa. Julgar quanto à validade de uma sobre a outra será apenas uma questão de opinião pessoal. A discrepância de leituras de *O Deserto dos Tártaros* que encontramos entre a bibliografia crítica, e que foi dada constatar, é um reflexo disso mesmo. A esta dificuldade se refere Tim Parks, quando diz:

In the end, twisting and turning this way and that, mocking and infinitely ironic, Buzzati's story somehow denies us what we always felt was within our grasp. No, on putting the book down we cannot honestly say that we know what it meant. (Parks 2001: s/p).

Uma forma de encarar esta ambiguidade, que na presente dissertação se propõe, é vê-la como sugestiva de uma determinada orientação de leitura. Na segunda parte, procura-se então olhar o romance numa perspectiva que tende a desvalorizar a identificação do motivo pelo qual Drogo terá ficado na Fortaleza. Em vez disso,

procura-se antes averiguar sobre qual possa ser o significado da contradição que essa permanência constitui.



## II - A Questão Moral

### 1- A Perspectiva Aristotélica: Acrasia

Uma maneira de tentar compreender o comportamento do protagonista de *O Deserto dos Tártaros* é atender ao que diz Aristóteles sobre aqueles casos em que, parecendo perder o autodomínio, por vezes algumas pessoas acabam por agir contra o que haviam decidido ser o melhor. Como lemos na *Ética a Nicómaco*, nomeadamente no seu Livro VII: em que “estando [alguém] agora convencido de que deve fazer uma coisa, ainda assim fará uma coisa diferente” (Aristóteles 2004: 1146b1). Se, para Aristóteles, ocorrências deste género fazem inegavelmente parte dos “factos da vida” (1145b21), a história que é contada no romance de Buzzati parece ilustrar um exemplo disso mesmo. Assim, a questão essencial é “saber como é que alguém que tem uma noção correcta de que o que vai fazer não está certo perde o domínio de si” (*ibidem*), acabando por fazer exactamente o que sabe que deveria evitar.

Para Aristóteles, a explicação para a *falta de autodomínio* (a palavra grega é *akrasia*) está numa deficiente aplicação que se faz do conhecimento que apesar de tudo se detém. Na verdade, continua Aristóteles, dizer que alguém tem conhecimento revela-se demasiado impreciso, pois torna-se evidente que há diferentes formas de o ter. Há uma diferença entre ter um conhecimento de que se faz efectivamente uso ou, pelo contrário, tê-lo sem que no entanto se chegue a aplicá-lo. É por exemplo possível que alguém com conhecimento do que deve ou não fazer não o accione em vista de

determinada situação, ou no momento em que seria preciso agir. Ou então, que falhe em relacionar adequadamente as várias premissas universais e particulares envolvidas num novo caso prático com que se depare. Assim, conclui:

Há, portanto, uma diferença extraordinariamente grande entre estes modos de conhecimento, de tal sorte que não parece absurdo que quem não se domina tenha conhecimento no primeiro sentido do termo (isto é, dispor do conhecimento do que não deve fazer, mas não o activar quando deve), mas já seria espantoso se o tivesse no segundo sentido (isto é, que além de dispor de conhecimento, também o activasse em vista da situação em que se encontra). (1147a1).

Mas para além destes casos, em que o problema residiria principalmente numa deficiente aplicação do conhecimento, Aristóteles encontra ainda outra espécie de conhecimento que pode igualmente vir a ser causa de comportamentos próprios de quem perdeu o autodomínio. Naqueles que se encontram sob o efeito de uma paixão, o conhecimento resulta deteriorado, desprovido de efectividade, acabando por afectar de forma decisiva a determinação para se concretizar aquilo que se havia concluído ser o melhor a fazer.

Mas os humanos podem ainda 'ter' conhecimento de um modo diferente daqueles que foram mencionados até aqui. (...) Trata-se de algum modo de um ter e não ter simultaneamente. É o que acontece, por exemplo, com quem dorme, com o louco e com o bêbado. Mas também é certamente assim com os que se encontram sob o efeito de paixões, pois alguns acessos de ira, lascívia, e afecções do género alteram manifestamente o corpo e criam até nalgumas

peessoas um estado de demência. É evidente que quem perde o domínio 'tem' conhecimento ao modo daqueles o 'terem'. (*ibidem*).

Num estado de paixão, que Aristóteles vê como verdadeiramente patológico, a noção do que deve ou não ser feito não tem mais consistência do que teriam as palavras de alguém que recitasse um enunciado científico sem lhe depreender o sentido, ou mais validade do que aquilo que diz um actor em palco, para usar os seus próprios exemplos. Dotados de um conhecimento que não tem já preponderância, os que se encontram dominados por uma paixão, mesmo que apenas de forma momentânea e passageira, vêem-se assim propensos a falhar no cumprimento daquilo que se haviam determinado.

Ora, este parece ser exactamente o caso de Drogo. Em prejuízo da sua decisão de retornar à cidade, que suporta de forma coerente e com argumentos válidos, e que por isso temos como convicta, nas alturas decisivas uma certa perturbação emocional sabota a concretização da transferência prevista e desejada. Algo que a narrativa não torna claro o que seja, mas que nos momentos críticos exerce sobre si um apelo tão poderoso quanto pernicioso, acaba por impedi-lo de levar a bom termo o que havia concluído ser a escolha certa.

Podemos distinguir na história três momentos que ilustram a forma como Drogo falha a concretização da sua decisão de regressar à cidade. O primeiro acontece assim que chega à Fortaleza pela primeira vez, em que de imediato manifesta ao oficial adjunto o desejo de ser transferido o quanto antes (capítulo III). Sendo a sua pretensão bem acolhida, e disponibilizados os meios para a concretizar, no último instante Drogo acede em ficar por quatro meses. Passado esse tempo, e tal como lhe havia sido prometido, Drogo ver-se-á em vias de beneficiar de um atestado médico que o dará

como inapto para permanecer naquelas altitudes. Mas, mais uma vez, no instante decisivo muda novamente de ideias, prescindindo do atestado e optando por continuar na Fortaleza (capítulo IX). E finalmente, quatro anos já decorridos, dá-se um terceiro episódio. Apresentando um novo pedido de transferência, este ser-lhe-á recusado. Mas ao desistir demasiado facilmente perante as primeiras dificuldades, o que a sua atitude acaba por revelar é um novo afrouxamento na sua determinação de regressar (capítulos XVIII-XX).

Se atentarmos nos dois primeiros episódios mencionados, não deixaremos de notar a importância que desempenha na narrativa o surgimento de uma janela que parece apanhar Drogo de surpresa. A vista que se oferece a partir destas janelas exerce nele uma perturbação emocional forte o suficiente para provocar uma deflexão na sua decisão. No último daqueles três episódios, em contrapartida, de modo inverso mas com a mesma exacta funcionalidade, o que se torna decisivo é antes a ausência de uma janela que, num certo momento, teria sido necessária para sustentar a sua intenção de regressar. Estas janelas parecem assim veicular na narrativa aquele “estado de paixão” desestabilizador de que fala Aristóteles, levando Drogo a fazer algo que anteriormente havia concluído não ser o desejável.

O papel simbólico que nestes episódios se reconhece a uma janela é corroborado noutros momentos da narrativa. Constatamo-lo, nomeadamente, logo no início da história, quando Drogo está de partida para a Fortaleza Bastiani. Transpostos os limites da urbe, Drogo pára no cimo de uma encosta para contemplar a cidade uma última vez. O seu olhar foca-se na casa materna que acaba de deixar, e logo depois na janela do seu quarto (“Viu a sua casa à distância. Identificou a janela do seu quarto”, p. 7). Contrastando com aqueles que ficam, que com o nascer do dia abrem agora as



persianas para um “maravilhoso nascer do sol” (6), Drogo, pelo contrário, tranca mentalmente a persiana da sua janela, “encerra[n]do na escuridão o pequeno mundo da sua meninice” (7). Se este fecho simbólico da janela do seu quarto assinala a despedida da vida que está prestes a deixar para trás, pelo contrário, a vista que, mais tarde, alcançará a partir de outras janelas abertas marcará irremediavelmente o seu destino na Fortaleza.

Para melhor compreender a funcionalidade e a importância retórica que estas janelas desempenham na narrativa, justifica-se que olhemos mais demoradamente cada um daqueles momentos decisivos. No primeiro deles, durante a conversa entre Drogo e o oficial a quem se apresentou ao serviço, e perante quem defende o seu propósito de regressar, o narrador assinala de forma conspícua um instante perfeitamente definido em que algo decisivo acontece: “Foi neste momento que Drogo, virando um pouco a cabeça para a esquerda, pousou o olhar na janela, aberta para o pátio interior” (25). A partir desse instante, a atenção de Drogo à conversa que entretanto decorre ressent-se de forma evidente: “Mas Drogo mal ouvia as explicações de Matti, estranhamente atraído pela vista enquadrada pela janela, com aquele pedacinho de penhasco que despontava por cima da parede em frente” (27). O seu pensamento parece alhear-se na mesma medida em que o olhar se perde pela vista que lhe captou a atenção. Aquilo que lhe é dado ver não tem nada de extraordinário, sendo pelo contrário absolutamente vulgar, tal como o narrador faz questão de acentuar: trata-se somente de uma parede que é “amarelada como as outras”, de um relógio que “marcava as duas”, ou de uma sentinela que “andava para cá e para lá” (25). De forma explícita, dirá mesmo o narrador acerca do “pedacinho de penhasco” que Drogo avista que “em si mesmo nada tinha de especial” (*idem*). Mas

exactamente pela sua absoluta vulgaridade, percebemos que a vista tem para si um significado pessoal, logo também especialmente perturbador. “E o resto, como era?” (*idem*), lemos em discurso indirecto livre, desta forma se salientando a pungência do estado passional que se apoderou de Drogo.

Por fim, a descrição resume metaforicamente o efeito inebriante que a vista exerce sobre ele: “Uma luz sonolenta provinha daquele lado, por entre lentas baforadas de névoa” (*idem*). Ora, sono e enevoamento da razão são precisamente manifestações que associamos àquele obnubilar da razão que, para Aristóteles, explicam que alguém se desvie por acrasia da escolha que tem como certa. Essa obnubilação traduzir-se-á no esmorecimento da firmeza com que de início Drogo havia manifestado a intenção de regressar “logo que possível” (24) à cidade, e que o narrador expressa de forma clara: “Ao mesmo tempo sentia-se um pouco mais sereno. Premia-o ainda a vontade de se ir embora, mas já sem a ânsia de há pouco” (27). Assim debilitada, a razão cederá à curiosidade, à inefável atracção que o dominou, acabando Drogo por aceder em adiar a partida por quatro meses.

Quatro meses depois, o episódio replicar-se-á de modo similar. Desta feita no gabinete do médico, que se prepara para o dispensar da Fortaleza, novamente uma janela capta a atenção de Drogo, vindo mais uma vez interferir nas intenções que levava consigo. No decurso da entrevista, diz-nos o narrador a dado momento que “Drogo ouvia sem interesse, tão absorvido estava a olhar pela janela” (71). Em tudo repara como se fosse pela primeira vez, encontrando na Fortaleza novas possibilidades de misteriosas e promissoras descobertas por explorar. Impulsionada pela vista, a imaginação vê-se lançada para níveis cada vez mais distanciados da realidade: as paredes elevam-se agora a “grande altura”, “uma altura quase incrível” (71); os cumes

em redor resplandecem “misteriosamente de uma vida impenetrável” (*idem*); os soldados tornam-se “enormes e briosos”, “muito belos” e “petrificados” (72); as baionetas parecem “tiras de prata” (*idem*); e o próprio som da corneta que assinala o render da guarda lhe parece agora possuído de um “encanto indizível”, de uma “extrema beleza” que é ecoada desde “lonjuras improváveis” (*idem*) pelas montanhas em redor. Absorto num total devaneio, a caracterização do seu estado de espírito culminará por fim numa visão transfigurada, fantástica, de natureza quase mística.

Depois, por mais inverosímil que pareça, as muralhas já sitiadas pela noite elevaram-se lentamente em direcção ao zénite e, do seu supremo limite emoldurado por tiras de neve, começaram a soltar-se nuvens brancas em forma de graça que navegavam pelos espaços siderais. (73).

Da janela do gabinete médico vislumbrará ainda outras janelas, assim multiplicando infinitamente, como num jogo de espelhos, as possibilidades imagináveis e a oportunidade para o sonho. Assoberbado pela comoção que o assalta de surpresa, a recordação da cidade surge-lhe agora acentuadamente depreciada. Comparado com a intensa impressão que a vista neste momento lhe causa, retornar à cidade já não se afigura a escolha certa que fora até então. Assim sujeito a uma paixão forte ao ponto de lhe deturpar o discernimento e a razão, Drogo vacilará mais uma vez na sua decisão, tornando a adiar a partida.

O terceiro momento decisivo tem lugar quando Drogo se desloca à cidade com o intuito de apresentar um novo pedido de transferência, agora directamente no comando da divisão. Na origem deste renovado ensejo de partir esteve também uma janela, que assim reforça o valor simbólico que já lhe reconhecemos. Por uma pequena

janela, que ao contrário das janelas dos gabinetes anteriores é agora uma janela alta de balneário, esquecida e poeirenta, quase clandestina, Drogo vislumbrara um pedaço de céu primaveril que lhe transportou a imaginação para as pradarias verdes do vale e para os habitantes da cidade, que imagina que naquele momento festejariam o fim do Inverno (144). Dominado por um irreprimível desejo de regressar para junto desses que celebram a vida em alegria, é, ao que parece, absolutamente motivado e convicto das suas intenções que o vemos então dirigir-se para a cidade.

Que a sua determinação para regressar à cidade é a esta altura muito forte, é algo que a narrativa se preocupa em mostrar. Todo o capítulo XVII se dedica a fundamentar os motivos de Drogo para deixar a Fortaleza. O empenho posto nesta fundamentação é reflectido na adopção retórica do tempo presente ao longo de todo o capítulo (com excepção dos três parágrafos iniciais, dedicados a localizar temporalmente a acção no início da Primavera). Tão contrastante e prolongada mudança do tempo narrativo atesta desde logo a relevância do momento, indiciando que Drogo estará agora indefectivelmente determinado em regressar. Mas toda a ênfase posta em caracterizar esta sua renovada convicção encontrará ainda assim a máxima expressão no final do capítulo. Aqui, para além do uso do discurso indirecto livre, que víamos já irromper noutras ocasiões, o narrador parece mesmo querer interferir na própria acção. Demonstrando-se empenhado nos destinos do protagonista, interpelá-lo-á directamente na segunda pessoa, encorajando-o a executar sem hesitações aquilo a que se propõe.

Não penses mais nisso, Giovanni Drogo, não te voltes para trás agora que chegaste à orla do planalto e a estrada vai mergulhar no vale. Seria uma

estúpida fraqueza. Conhece-la pedra por pedra, pode dizer-se, a Fortaleza Bastiani, não corres de certeza o risco de esquecê-la. O cavalo trota alegremente, o dia está bom, o ar tépido e leve, a vida que tens à frente ainda é longa, quase ainda nem começou; que necessidade haveria de dar uma última olhadela às muralhas, às casamatas, às sentinelas de turno no cimo dos redutos? (147).

A própria Fortaleza é invectivada na segunda pessoa pelos males que contém: “Portanto, adeus, Fortaleza, com os teus absurdos redutos, os teus pacientes soldados, o teu coronel que todas as manhãs, sem se deixar ver, perscruta com o óculo o deserto a norte, mas em vão, pois nunca lá há nada” (146). E até o cavalo que transporta Drogo é exortado a ser diligente na sua tarefa:

Corre pois, cavalinho, pela estrada da planície, corre antes que seja tarde, não pares, mesmo que estejas cansado, antes de veres os prados verdes, as árvores familiares, as habitações dos homens, as igrejas e os campanários. (idem).

Estando então desta feita na cidade, e portanto muito distante da Fortaleza, não seria possível esperar que Drogo pudesse vir a deparar-se aqui com uma janela cuja vista sobre a Fortaleza viesse exercer nele o mesmo efeito que as janelas dos gabinetes anteriores. Mas, engenhosamente, a narrativa sugere que se a sua determinação tornou a vacilar foi pela impossibilidade de encontrar na cidade uma janela que provocasse nele uma atracção por essa cidade equivalente à que as janelas anteriores haviam exercido em prol da Fortaleza. Uma vez na cidade, a desilusão apodera-se de Drogo. Invadem-no sentimentos negativos em que pontuam “um não-sei-quê de tristeza”, a lembrança de “doenças, de discussões, de ratos” (149), de vazio

e apatia. E em vez de uma janela que lhe inspire o sonho e incuta o desejo de ficar, o que aqui encontra são antes recordações de “janelas fechadas” (*idem*). Também ao abrir a janela do seu quarto, a vista com que se depara revela-se profundamente desapontante: “casas cinzentas, telhados e mais telhados, o céu nublado” (150).

O desapontamento que drogo sente na cidade, representado simbolicamente por uma janela com efeitos diametralmente opostos aos daquelas que o haviam surpreendido na Fortaleza, prevalecerá durante toda a sua estada, propagando-se por tudo o que se relaciona com essa cidade. Ele confirma-se no relacionamento com os antigos amigos que deixara para trás, no seio da própria família, e finalmente no encontro com a sua noiva. Neste episódio em que os noivos se revêem, a sala-de-estar em que se abrigam do calor da rua permanece na penumbra, e tudo o que a janela fechada deixa passar é uma tira de sol. Observando o seu avanço pela carpete e pelos móveis da sala, e vindo contrapor-se a todo o seu actual desapontamento, uma nova janela, desta feita mental, desanuviadora, e oferecendo já perspectivas positivas, abre-se-lhe imaginariamente sobre a recordação da Fortaleza distante. Vindas de longe, a imagem e a lembrança da Fortaleza assaltam-no insistentemente, opondo ao desencanto sofrido com a cidade o ressurgimento da mesma tentação pela Fortaleza que lhe haviam produzido as janelas dos gabinetes do oficial e do médico.

Giovanni olhava para a tira de sol na carpete e pensava na Fortaleza, imaginou a neve a derreter-se, o gotejar dos terraços, a estéril Primavera da montanha, que conhece apenas umas pequeninas flores nos escassos prados e perfumes de fenos que o vento transporta. (156).

Assim afectado emocionalmente, a sua determinação para ficar não será já forte o suficiente para poder prevalecer sobre a dificuldade criada pelo indeferimento que o seu pedido de transferência acabou por merecer. Como vimos já, o narrador faz notar que outras possibilidades restavam a Drogo, se quisesse realmente ficar na cidade. Em último caso, ele poderia até rebelar-se contra a injustiça da recusa do seu pedido, apresentando a demissão. Essa pareceria com efeito uma atitude mais consistente com alguém que pouco tempo antes dizia que ficar na Fortaleza seria uma “fraqueza estúpida e perigosa”. Se voltou para a Fortaleza foi antes porque a vontade de ficar na cidade fraquejou. Sobre isto, o narrador não podia ser mais explícito:

no seu rosto não se lê nenhuma tristeza especial. Não se rebelou, pois; não pediu a demissão, engoliu a injustiça sem uma palavra e está de volta ao seu posto. No fundo do seu espírito grassa até a pávida satisfação de ter evitado mudanças bruscas da vida, de poder instalar-se de novo nos seus velhos hábitos. (167).

Mas esta “satisfação” será pouco duradoura. Considerando o que diz o narrador e os comportamentos posteriores de Drogo, a decisão de não ficar na cidade (aceitando que se deveu principalmente a uma decisão sua e não propriamente à recusa do pedido de transferência) parece mais ser fruto de uma decisão errónea do que traduzir o que ele realmente julga ser o melhor a fazer. O facto é que rapidamente ressurgem a opinião e o sofrimento de sempre. Regressado à Fortaleza, e agora agravada pela súbita partida de antigos companheiros, sobrevém a mesma noção da inutilidade daquela “praça-forte ridícula” (168) e obsoleta, a mesma consciência da vacuidade dos procedimentos militares, e o sentimento de culpa pelo desperdiçar do

tempo. “Que vida aborrecida, agora”, afirma a voz do narrador em discurso indirecto livre, empático com os sentimentos de Drogo. “Que miséria” (169), corrobora o próprio Drogo. Na sua desolação, sente “a ferida da injustiça sofrida” (171) com a recusa do seu pedido de transferência, condenando-o com isso a um autêntico “exílio” (173). E perante a partida de um companheiro, exclama: “Lá vai o Morel; abençoado!” (*idem*).

Ou seja, nos momentos que antecederam e que se seguiram à estada de Drogo na cidade, durante a qual a sua determinação de deixar a Fortaleza de algum modo esmoreceu, a opinião é ainda a mesma que sempre afirmou: a de que o melhor é não ficar na Fortaleza. Ou aceitamos que a narrativa está a sugerir que Drogo muda muito frequentemente de ideias, ou então, mais verosimilmente, podemos antes vê-lo como o paradigma daqueles que padecem dessa falta de autodomínio que Aristóteles descreve. Mais do que preocupado com identificar qual foi o motivo, ou a paixão, que desviou o protagonista do seu caminho, o romance parece principalmente querer retratar um caso de acrasia e as suas respectivas consequências.

Ver no caso de Drogo um exemplo de acrasia, tal como a descreve Aristóteles, goza ainda de uma clara funcionalidade, no âmbito da presente história. Para Aristóteles, aquele que perdeu o autodomínio está consciente da sua contradição e do facto de não ter cumprido aquilo que se determinara. Uma vez passado o momento em que a paixão actua sobre si, obnubilando-lhe a lucidez, a decisão anteriormente tomada em razão emerge intacta na sua validade. Como diz, “isto parece claro: quem perdeu o domínio de si não pensa que age correctamente, pelo menos antes de ter ficado sob o efeito de uma afecção” (Aristóteles 2004: 1145b21). Indissociável da



acrasia segundo Aristóteles é pois um permanente estado de arrependimento, remorso e culpa que atinge o sujeito. Desta forma, o conflito interior que presenciamos em Drogo encontra uma explicação. Ele seria gerado pela noção que apesar de tudo tem de não ter concretizado aquilo que sabe ser melhor. Drogo não só age em sentido contrário do que é bom como está além disso perfeitamente ciente do seu erro. De um modo geral, nem ele está iludido acerca dos factos da vida na Fortaleza nem perdeu as suas convicções quanto à preferência pela cidade; pelo menos não para além do momento em que aquela “afecção patológica” de que fala Aristóteles lhe veio condicionar a lucidez, determinando a sua escolha. Imediatamente após o primeiro adiamento, por exemplo, vê-lo-emos confessar “como aceitara estupidamente ficar ali quatro meses” (48).

Mas se, por um lado, aquele que age em acrasia tem consciência do seu erro, simultaneamente, segundo inferimos do que diz Aristóteles, ele não parece ter grandes possibilidades de acautelar esse modo de agir. A deterioração que o conhecimento sofre quando sujeito a uma paixão assemelha-se mais a uma fatalidade contra a qual não há muito a fazer. Tudo depende de quem se vê sujeito a quê. Pessoas de naturezas diferentes reagirão de modos diferentes perante tentações diversas, e o facto de o discernimento resistir ou acabar por ceder à acção de uma paixão é mais uma função do acaso e da disposição inata do indivíduo do que de uma real possibilidade que este possua de intervir sobre um conhecimento que se viu deformado, reedificando-o. Aristóteles fala nomeadamente em “tipos humanos”:

Há, assim, um certo tipo humano que fica fora de si sob o efeito de uma paixão e age contra o sentido orientador (...). Este é o que não se domina (...). Um tipo

humano contrário deste é o de quem permanece fiel ao princípio da acção e nunca o abandona quando se encontra sob o efeito da paixão. (1151a1).

Entre perseverantes ou frouxos, devassos ou temperados, e obstinados ou sensatos, tudo parece ser principalmente uma questão relativa quanto a que paixão atinge cada tipo. O temperado, porque nunca sente o apelo de paixões fortes, nunca precisará realmente de exercer autodomínio. E aquele que perde o autodomínio pode mesmo ser desculpado em se tratando de paixões violentas: “Não é nada espantoso se alguém é derrotado por prazeres ou sofrimentos vigorosos e excessivos, é até perdoável se alguém lhes sucumbe depois de lhes ter oferecido resistência” (1150b1).

Para Aristóteles, a condição daquele que perdeu o autodomínio é a tal ponto inelutável que faz dele um caso pior e mais desesperado do que aqueloutro que segue deliberadamente o apelo da paixão.

Demais, quem age em vista do prazer e o persegue por convicção e decisão parece ser melhor do que quem não age por cálculo, mas por falta de autodomínio. Ou seja, o primeiro parece poder ser mais facilmente corrigido, porque pode ser convencido a alterar as suas convicções. (1146a1).

Dirá mesmo que a única diferença que distingue aquele que age por acrasia do autêntico devasso é apenas o facto de o primeiro lamentar o erro em que sabe estar a incorrer, ao passo que o devasso se compraz com esse erro.

Ao caracterizar a espécie de conhecimento que resulta do efeito pernicioso de uma paixão como sendo equivalente ao conhecimento que tem aquele que “dorme”, o “louco”, ou o “bêbado”, Aristóteles está também a desresponsabilizar quem age nessa condição. Assim como o louco é inimputável — “os homens loucos não têm poder de

decisão nem capacidade de raciocínio” (1150a1) —, assim como quem dorme não tem poder sobre o que sonha, e assim como o ébrio vê o seu discernimento afectado, também aquele que perde o autodomínio por efeito de uma paixão não é verdadeiramente dono dos seus actos. A expressão “estado de afecção patológica” é significativa e traduz bem a condição de doentes que Aristóteles atribui aos que se encontram nesse estado. Dirá, por exemplo:

Deste modo, quem está num estado de afecção não tem uma tal opinião [acerca do que é perceptível] ou tem-na mas sem que corresponda a um conhecimento efectivo, mas mais um dizer da boca para fora, tal como um bêbado que repete de cor os versos de Empédocles. (1147b1).

A essa desresponsabilização associa-se ainda o facto de Aristóteles nunca sugerir de que modo se pode esperar sanar um estado iludido como este. Limitando-se a dizer que a falta de autodomínio, como disposição vil e repreensível que é, deve ser evitada, nunca chega a mencionar que papel pode o indivíduo desempenhar no restabelecimento de um conhecimento que se tenha visto deformado. Descartando de forma lacónica essa questão para fora da Filosofia, parece principalmente negar proficuidade a qualquer espécie de intervenção activa que o sujeito possa ter sobre o seu estado. A possibilidade de cura, e o modo como ela pode ser conseguida, são assuntos que remete para a Fisiologia, como se de uma autêntica doença se tratasse.

Se se pergunta pelo modo como se dissipa o estado de ignorância e de que modo quem perdeu o domínio de si pode voltar a ficar de posse do conhecimento de si, a resposta é a mesma que se dá quando fazemos a mesma pergunta a respeito da recuperação do estado de sobriedade dos bêbados e do

regresso ao estado de vigília de quem dorme, isto é, a dissipação do estado de ignorância não é mais peculiar à perda do domínio de si do que a outros estados de afecção. A respeito disto, é preciso ouvir o que os fisiólogos têm para dizer sobre o assunto. (*ibidem*).

Nesta linha de pensamento, Drogo será então alguém que se viu manietado por algo que ultrapassava as suas capacidades humanas de lhe resistir. Por uma infeliz coincidência de circunstâncias, cada vez que se preparava para abandonar a Fortaleza uma indefinida mas inelutável paixão veio inibir-lhe o discernimento, interpondo entre si e a liberdade uma névoa de ignorância que não tinha meios de fazer dissipar. Assim reduzido à condição de escravo dos estímulos do momento, ele já não é dono do seu destino, vogando ao sabor da imprevisibilidade de acontecimentos cujos efeitos não pode contrariar.

## 2 - A Perspectiva Platónica

Funcional e coerente que revela ser a leitura de *O Deserto dos Tártaros* à luz da perspectiva aristotélica, torna-se ainda assim pertinente confrontá-la com a teoria que Aristóteles está a pretender refutar. A esta teoria alude o próprio Aristóteles na *Ética a Nicómaco*.

Sócrates, na verdade, contestava completamente a nossa teoria, porque para ele não havia sentido para a noção de “falta de domínio”. Segundo ele, ninguém age contra a noção que tem do que é o melhor de tudo, mas, quando assim age, fá-lo por ignorância. (1145b21).

Conforme ficamos a saber nomeadamente em *Protágoras*, onde Platão dramatiza um debate entre o seu mestre e um afamado sofista recém-chegado à cidade, para Sócrates, a ideia de que alguém possa agir contra o que concluiu ser o melhor, como Aristóteles considera possível, é uma hipótese absurda.

Segundo o argumento de Sócrates, todas as pessoas desejam uma vida agradável e, pelo contrário, procuram evitar o que lhes causa sofrimento. Com este objectivo em mente, preocupam-se em distinguir o que causa dor e o que causa prazer; ou, o que para Sócrates é o mesmo, preocupam-se em distinguir o que é bom do que é mau. A avaliação do que é bom e do que é mau não se restringe a considerar os efeitos imediatos, ou próximos, antes ponderando também o que no final culminará de cada escolha. Para concluir que uma coisa é boa, não basta que ela proporcione uma satisfação imediata, sendo necessário que se estime que no cômputo geral ela resultará ainda em algo bom. É assim que, como faz notar Sócrates, se reconhecem

como más aquelas acções que apesar de prazenteiras se sabe serem causa de miséria e sofrimento futuros, assim como boas aquelas que embora penosas a princípio trazem benefícios posteriores em prol de uma vida agradável. Mas uma vez conhecedora do que é bom e do que é mau, qualquer pessoa agirá sempre de acordo com o primeiro. O contrário, *i.e.*, pensar que alguém possa optar pelo que sabe ser causador de infelicidade, é algo que Sócrates não concebe que seja possível.

Decerto, ninguém escolhe voluntariamente o caminho para as coisas más, nem para as que pensa serem más. Uma atitude dessas, querer ir atrás das coisas que se pensa serem más, preterindo as que são boas, não é, pelo que me parece, próprio da natureza humana. (Platão 1999: 358d).

Da mesma maneira, pensar que algo possa deflectir um conhecimento que se tenha sobre o que é bom ou mau, levando a agir em contradição com ele, é também algo que Sócrates considera impossível. Como faculdade que governa os homens, o conhecimento deve ser mais forte que qualquer outra coisa. Admitir que ele possa ser subjugado por um qualquer sentimento, “como um autêntico escravo arrastado por todos os outros sentimentos” (352c), significaria reconhecer que os homens se governam não pelo conhecimento mas antes pelo capricho das emoções. Tal situação parece-lhe impensável, acreditando, pelo contrário, que “a inteligência é suficiente para proteger o homem” (*ibidem*). Diz a propósito:

O conhecimento é uma qualidade louvável, capaz de governar o homem, e se alguém conhecer o que é bom e o que é mau nunca será subjugado por coisa alguma e agirá segundo as regras que o conhecimento ditar. (*ibidem*).

Se há efectivamente casos em que algumas pessoas agem contra o que é bom para elas, aparentemente dominadas pelo prazer, eles explicam-se, diz Sócrates, não pelo poder que o prazer tenha sobre o conhecimento mas sim pelo facto de essas pessoas não estarem na posse de um verdadeiro conhecimento sobre o que é bom ou mau para elas. Uma actuação desse tipo não é mais do que um reflexo do estado de ignorância em que essas pessoas se encontram. Como diz, “de modo que o ser dominado pelo prazer é isto, a maior das ignorâncias” (357e). Ou ainda:

nenhum homem, nem aquele que sabe, nem aquele que pensa que há coisas melhores do que as que faz, fará estas, podendo fazer as melhores; nem ser-se dominado por algo é mais que ignorância, nem ser senhor de si próprio mais que sabedoria. (358c).

Esta hipótese da ignorância contemplada por Sócrates pode aparentar alguma semelhança com aquela fragilização da razão por efeito de uma paixão de que fala Aristóteles, já que ambas são a causa de uma escolha que diverge do que é bom. O próprio Aristóteles o faz notar.

o resultado a que chegamos parece em tudo idêntico ao que Sócrates procurava. Porque quando sucumbimos à paixão não está presente aquela forma de conhecimento que é autêntico, pois este não poderá ser arrastado por nenhuma forma de paixão. (Aristóteles 2004: 1147b1).

Há contudo uma diferença crucial entre as duas propostas, que podemos verificar com referência ao romance de Buzzati. Para Aristóteles, para quem o resultado final é fundamentalmente determinado pela intensidade com que cada paixão afecta cada

indivíduo, é possível considerar que nas alturas decisivas uma paixão tenha desviado momentaneamente Drogo das suas intenções e do seu julgamento sobre o que seria melhor. Para Sócrates, em contrapartida, não é admissível que um qualquer sentimento, provocado pela vista de uma janela ou outro, pudesse desviar Drogo do que ele soubesse ser o melhor a fazer. Isso consistiria precisamente naquele “escravizar” do conhecimento que Sócrates não admite ser possível. Segundo Sócrates, naqueles momentos decisivos em que, no último instante, Drogo opta por ficar na Fortaleza, a decisão corresponderá forçosamente ao que ele acredita ser o melhor para si. É além disso uma convicção que não resulta só de uma atracção momentânea, antes assentando numa avaliação do que globalmente culminará dessa escolha. Se, pelo contrário, considerarmos que nesses momentos decisivos Drogo não agiu de acordo com o que era melhor, seria necessário admitir que teria agido por ignorância, sem um verdadeiro conhecimento.

Assim, de acordo com a perspectiva platónica, chamemos-lhe assim, a permanência de Drogo na Fortaleza, que foi o que factualmente acabou por acontecer, traduz uma de duas hipóteses: hipótese a), Drogo ficou na Fortaleza porque isso era o melhor; hipótese b), Drogo ficou na Fortaleza porque era ignorante de que ir para a cidade era o melhor. Ora a hipótese b) não é sustentável, uma vez que Drogo afirma de forma reiterada que a Fortaleza não lhe agrada, manifestando desde o primeiro momento o desejo de regressar à cidade. Pensar que Drogo ficou na Fortaleza porque não tinha verdadeiro conhecimento de que a cidade era o melhor para si, quando de forma tão coerente e pertinente defende que é, não se afigura uma possibilidade de todo lógica. Resta então a hipótese a), ou seja, que a decisão que é boa para Drogo consiste afinal em ficar na Fortaleza.



Mesmo se, a uma primeira vista, esta hipótese a que nos conduz a perspectiva platónica pode parecer absurda, em face do sentido que tendemos a construir na narrativa — *i.e.*, que esta é a história de alguém que errou porque, em nome de uma qualquer razão ilusória, acabou por ficar *ad aeternum* num lugar que lhe era indesejável e prejudicial —, valerá a pena verificar até que ponto a narrativa acomoda esta leitura, bem como a que novas paragens ela nos conduz. Decisivo será, desde logo, perceber como podemos (ou se é sequer possível) encarar a esta luz aqueles episódios que vimos no capítulo anterior, e que pareciam ilustrar tão claramente um típico caso de acrasia. Regressemos então a eles.

Quando o narrador diz, tal como se assinalou antes, “Foi neste momento que Drogo, virando um pouco a cabeça para a esquerda, pousou o olhar na janela, aberta para o pátio interior” (25), passando então a descrever o que desde ali se avistava, podemos com efeito ver nisso o reflexo do irromper de um fascínio pelo lugar. Isso mesmo o sugere o narrador, quando refere explicitamente a atracção que a vista teria exercido sobre Drogo: “aquele pedaço de penhasco continha para Giovanni Drogo o primeiro apelo visível da terra a norte, do lendário reino que ameaçava a Fortaleza” (*idem*), culminando enfaticamente naquela expressão, já citada, em que uma irreprimível curiosidade parece ficar por saciar — “E o resto, como era?” (*idem*). Esse fascínio que então se teria apoderado de Drogo, e que o narrador desta maneira descreve, constituiria uma ocorrência daquela paixão que, para Aristóteles, seria capaz de o desviar daquilo que ele sabia ser o melhor a fazer. Mas se concedermos que Sócrates possa estar certo, e que se Drogo decidiu ficar não pode ter sido em resultado de um sentimento repentino, momentâneo e inelutável, mas sim porque

efectivamente ele sabe que isso é o melhor, o episódio assumirá contornos muito diferentes. Em vez de pensarmos que a vista lhe está a provocar uma paixão perniciosa e traiçoeira que o desvia do que é bom, podemos antes considerar a sua aproximação à janela como o gesto introspectivo e melancólico de quem olha pela última vez algo de que gosta e que está em vias de deixar, não se sentindo já seguro de o querer fazer. Em vez de ser a causa de uma súbita atracção prejudicial pela Fortaleza, a sua procura da janela traduziria antes a hesitação que no momento decisivo, quando a transferência está prestes a ser concretizada, lhe advém. Posto perante a eminência de deixar irremediavelmente a Fortaleza, ter-se-ia dado um desvelamento daquele que era o seu verdadeiro querer, até aí inibido e escamoteado no inconsciente. O resultado é o conflito com que se depara, entre aquilo que julgava que queria, ou devia, fazer e o que o seu íntimo lhe diz agora que realmente quer fazer. Procurar a janela para olhar aquilo a que se prepara para virar costas pode traduzir apenas isto, uma espécie de confronto inquiridor em que aos planos de partida se opõe a vista daquilo que essa partida implicará perder.

A um desvelamento deste género parece aludir o narrador quando, ainda a propósito da contemplação da vista da janela em que Drogo mergulha, diz: “O vago sentimento que não conseguia decifrar insinuava-se-lhe no espírito; talvez uma coisa estúpida e absurda, uma sugestão sem sentido” (27). O artigo definido mostra que o narrador se refere a um sentimento específico, e não a algo que fica por determinar<sup>7</sup>. Será preciso voltar um pouco atrás na narrativa para sabermos que “vago sentimento” é este a que com precisão se alude. Vinte páginas antes, naquela primeira manhã em que a história se inicia com Drogo a deixar a casa materna, encontraremos também

---

<sup>7</sup> No original: “Il vago sentimento che non riusciva a decifrare gli insinuava nell’animo; forse una cosa stupida e assurda, una sugestione senza costrutto.” (22).

uma referência a “um vago pressentimento”. Nesta ocasião o narrador é mais elucidativo: “um pensamento constante, que não conseguia identificar, o oprimia, como um vago pressentimento de coisas fatais, como se estivesse prestes a iniciar uma *viagem sem regresso*” (6, sublinhado meu). Aquilo a que o narrador está portanto a aludir, quando agora, a propósito da janela do gabinete do oficial, refere “o vago sentimento” que se apodera de Drogo, será então a esta possibilidade de não regresso à cidade que já antes lhe sobreviera.

Voltaremos a encontrar uma menção a *esse* “vago pressentimento” — ou “pensamento constante”, ou “vago sentimento”, no que são vários nomes para a mesma coisa — mais adiante na narrativa, agora como “força desconhecida” (37). Nessa ocasião, diz o narrador que Drogo “sentia crescer à sua volta uma trama obscura que procurava retê-lo” (*idem*). Mas essa trama, como reconhece o próprio jovem tenente, não provém da instituição militar, para quem a sua permanência ou a sua partida são completamente indiferentes. A verdadeira razão que congemma a sua permanência na Fortaleza parece principalmente ser a sua própria vontade: “uma força desconhecida se opunha ao seu regresso à cidade, quem sabe se brotava antes da sua própria alma sem que ele se apercebesse” (*idem*). Uma “força brotando da própria alma” não significa outra coisa senão o ímpeto de seguir aquele que é o seu íntimo e verdadeiro desejo.

Pensar que a vista da janela pudesse ter feito vacilar uma intenção de regressar à cidade que fosse tão forte quanto Drogo apregoa ser torna-se particularmente inverosímil no episódio em que Drogo acaba por recusar o atestado médico. O que poderia ter Drogo visto a partir do gabinete do médico que nos quatro meses entretanto passados na Fortaleza não tivesse visto já? Compreendemos bem a

estranheza do médico, quando lhe pergunta: “Mas afinal está a olhar para quê?” (73). Em tudo o que o narrador nos descreve sobre a vista não há nada de extraordinário, sendo antes a forma como Drogo olha que faz toda a diferença. Se aquilo que vê parece efectivamente surgir a seus olhos embelezado e engrandecido pela imaginação, como a descrição deixa transparecer, não será pelo que a vista tem de surpreendente mas sim em resultado da sua própria predisposição. Dessa sua predisposição dá aliás conta o narrador quando revela a pouca convicção com que Drogo se dirigira ao médico no propósito de ser dispensado.

Giovanni Drogo já se preparava para partir. Faltava ainda a formalidade da consulta médica, como lhe prometera o major Matti, e depois podia ir. Ele continuava a repetir a si próprio que esse era um acontecimento satisfatório, que na cidade o esperava uma vida fácil, divertida e talvez feliz, no entanto não estava contente. (69).

Se este cepticismo era o sentimento que já levava consigo ainda antes de se apresentar ao médico, parece mais consentâneo ver na aproximação à janela uma consequência desse seu estado de espírito do que a causa de uma súbita mudança de intenções quanto à partida.

Assim, também neste caso a sua procura da janela durante a entrevista com o médico pode, com mais plausibilidade, ser entendida como o acto reflexo de alguém que contempla nostalgicamente aquilo que está em vias de deixar, sem que se sinta capaz de o fazer; ou, pelo menos, pressentindo que isso significará ir contra a sua verdadeira vontade. Ao descrever o efeito que a vista do gabinete do médico tem em Drogo, o narrador sugere que era como se visse tudo pela primeira vez.

Drogo ouvia sem interesse, tão absorvido estava a olhar pela janela. E então pareceu-lhe ver (...) torres solitárias, muralhões enviesados coroados de neve, espaldões aéreos e fortins em que *nunca tinha reparado antes*. (...) *Nunca Drogo se tinha apercebido* de que a Fortaleza era tão complicada e imensa. (71, sublinhados meus).

Depois de quatro meses passados na Fortaleza, mais do que um significado literal, tudo ver como se fosse pela primeira vez parece mais traduzir a atitude de quem hesita perante a ideia de abandonar algo a que se sente ligado. Ver coisas em que “nunca tinha reparado antes” não é mais do que um eufemismo para afirmar que Drogo ainda não pode dar por finda a sua relação com a Fortaleza, como uma história de que se sente relutância em abandonar antes do final.

O significado desta demora de Drogo na contemplação da vista, num momento em que tem nas mãos a oportunidade de deixar a Fortaleza, torna-se ainda mais evidente quando a contrastamos com o que o narrador nos diz sobre as atitudes de outras personagens noutras ocasiões. Por exemplo: a certa altura da história, será ordenada uma drástica diminuição do contingente da Fortaleza, vendo Drogo partir para a cidade muitos dos seus antigos companheiros. Animados pela perspectiva de deixarem finalmente o forte maldito, o narrador faz notar o modo como muitos deles, tendo embora ali vivido tantos anos, “não voltavam sequer a cabeça para olhar a Fortaleza pela última vez” (170). E ainda noutra altura, de modo idêntico, quando um militar das relações mais próximas de Drogo retorna à cidade, depois de cumpridos dois anos de serviço, o narrador retrata o estado de espírito com que o faz, dizendo: “Lagorio tinha um rosto alegre. Saíra do seu quarto sem tampouco lhe deitar um olhar, e quando se encontrou no exterior nem se voltou para trás para olhar a Fortaleza”

(65). O contraste destas atitudes com a de Drogo é evidente. Ao contrário da convicção que aqueles demonstram, a demora de Drogo na janela denuncia antes toda a sua incerteza quanto a abandonar a Fortaleza.

Com este seu titubear naqueles momentos decisivos, que a demora nas janelas traduz, contrasta por outro lado, de modo flagrante, a firmeza com que a certa altura veremos o próprio Drogo reagir em se tratando de decidir em sentido contrário, ou seja, em prol de ficar na Fortaleza. Quando vai à cidade com a intenção de apresentar o pedido de transferência, apercebendo-se progressivamente que já não pertence àquele mundo, e de quão distante se encontra agora daquela que era sua noiva, é com a mesma firmeza que testemunhámos antes naqueles que se despediam da Fortaleza que o narrador retrata agora a forma como Drogo se despede de Maria.

Também ele a olhou fixamente e disse: ‘Adeus, espero que nos voltemos a ver antes que tu partas’. Depois afastou-se sem olhar para trás, em passo marcial, direito à cancela do jardim, fazendo ranger o saibro do caminho. (159).

Mas enquanto aqueles se haviam mostrado resolutos no momento de deixar a Fortaleza, Drogo, pelo contrário, mostra essa resolução quando desiste da cidade.

Que a genuína determinação de Drogo era ficar na Fortaleza, ao contrário do que tinha vindo a afirmar, parece a narrativa pretender confirmá-lo quando, ainda no episódio do médico, imediatamente antes da decisão de cancelar a transferência que estava prevista, o narrador revela como “Drogo sentia a premência do seu próprio destino” (73). O próprio Drogo confirmará esta ideia no momento seguinte, confessando ao médico que algo que ultrapassa a sua compreensão se revela apesar de tudo preponderante na decisão de ficar.

‘Doutor, Doutor’, disse Drogo quase a gaguejar, ‘eu estou bem’.

‘Eu estou bem’, repetiu, quase sem reconhecer a própria voz. ‘Estou bem e quero ficar’.

‘Ficar aqui na Fortaleza? Já não se quer ir embora? Que foi que lhe aconteceu?’

‘Não sei’, respondeu Giovanni. ‘Mas não me posso ir embora’. (73).

Verifica-se assim que o romance acomoda uma possibilidade de leitura divergente daquela que considerámos no capítulo anterior, que tendia a ver no protagonista alguém que agiu erroneamente por ter sido dominado por uma paixão enganadora, com isso acabando por desperdiçar toda a sua vida. Nesta perspectiva, a que chegamos impulsionados pela crença platónica na tendencial adequação dos actos humanos, somos ao invés levados a considerar que a decisão de ficar na Fortaleza é para Drogo a boa decisão. Por outro lado, se a narrativa se empenha em desclassificar hipóteses que ela própria sugere como possíveis explicações para a contraditória permanência de Drogo, o que isso significa é que essa não é a questão relevante. A hipótese de essa permanência se ter devido à perspectiva de uma guerra heróica é neste caso tão válida e irrelevante como seria considerar que tivesse sido em consequência do encantamento exercido pela Fortaleza, porque a “planície vil” (229) se lhe tornou impossível, ou qualquer outro motivo. Bastará considerar que a razão pela qual Drogo ficou na Fortaleza foi simplesmente, como diria Sócrates, porque isso era o melhor para si. O essencial não é o motivo em si mesmo, que o tenha levado a ficar, mas sim o próprio facto da sua permanência; ou mais exactamente, a contradição que ela constitui face ao que se afirma desejar.

Estas duas perspectivas diferentes em que considerámos olhar a história de Drogo incorrem entre si numa contradição que à partida parece insanável. Uma, a aristotélica, tende a ver a permanência na Fortaleza como algo negativo e que desejavelmente deveria ter sido evitado, pois resulta do efeito de paixões perniciosas que contrariam a razão; outra, a platónica, tende a ver essa mesma permanência como uma vitória da boa intuição sobre uma razão falsamente argumentada. Na visão platónica, os seres humanos são propensos para o que é bom. Ter permanecido na Fortaleza mereceria de Sócrates um encorajamento *a priori*, firme que estaria na convicção de que o que é natural é que se aja bem e de acordo com o conhecimento. Para Aristóteles, pelo contrário, o conhecimento é fraco, facilmente deformável, e merecedor de desconfiança.

Mas Aristóteles deixa aberta uma possibilidade de solução para este impasse. Ainda no tratado sobre ética que dirige a seu filho Nicómaco, Aristóteles faz notar que em certas ocasiões um perfeito autodomínio pode não ser uma virtude desejável.

Demais, se o domínio de si nos fizer permanecer fiéis a toda e qualquer opinião, é uma coisa má. Por exemplo, no caso de nos fazer insistir numa opinião falsa. Por outro lado, se uma perda de domínio nos fizer abandonar uma determinada opinião [falsa], pode ser boa. (Aristóteles 2004: 1146a1).

Ora, o que a perspectiva platónica sugere é precisamente que a opinião que Drogo verbaliza constitui em rigor uma “opinião falsa”, porque se opõe à realização do que é melhor para si. Se Drogo tivesse exercido um autodomínio tal que, a despeito do que a sua intuição emocional lhe disse nos momentos decisivos, tivesse levado avante a sua determinação racional de ir para a cidade, ele não ganharia apesar de tudo a



aprovação de Aristóteles. Pelo contrário, Aristóteles avisa que em certas ocasiões alguém pode revelar-se “louvável por não ter sido coerente com as resoluções que foi levado a tomar” (*ibidem*).

Na teoria moral de Aristóteles, a *boa acrasia* é assim considerada como uma genuína possibilidade. Mesmo tendo agido contra a razão, agindo em acrasia, o comportamento de Drogo pode apesar de tudo ter sido preferível a obedecer cega e insensivelmente a uma razão que era falsa. Ao ver a razão como algo que é vulnerável às paixões, Aristóteles acaba por outro lado por conceder a estas paixões, nalgumas situações, plena fidedignidade. Mas surge assim uma dificuldade, que é como distinguir entre paixões que são certas e que devem ser seguidas e as outras que, pelo contrário, são más e devem ser evitadas. Qual possa ser o critério que permita distinguir entre um e outro tipo de sentimentos é algo que Aristóteles não refere. Para Sócrates, em contrapartida, como vimos, esse critério assenta na capacidade de conhecimento que é intrínseca aos humanos, e em que podemos confiar para reconhecer aquela que é a boa escolha.



### 3 - Autoconhecimento e Progresso Moral

A perspectiva platônica, segundo a qual há a uma intrínseca adequabilidade no que os seres humanos fazem, parece poder lançar alguma luz sobre o estranho comportamento do protagonista de *O Deserto dos Tártaros*. Ela permite-nos ver agora de outro modo o que antes se afigurava como uma inverosímil mudança de intenções que tinha lugar precisamente nos momentos cruciais em que cabia concretizar a transferência, e por estranha coincidência logo em todos eles. Esta leitura implicaria ver Drogo como alguém em quem vontade e determinação representariam muito pouco, facilmente corruptíveis que seriam por um apelo momentâneo, uma absoluta veleidade cujas conseqüências ele teria além disso sido incapaz de prever. Usando os termos de Aristóteles, seria vê-lo como padecendo de uma autêntica “doença”, contra a qual nada podia fazer. Já segundo a perspectiva platônica, em vez de propriamente uma mudança de intenções, podemos agora ver antes esses momentos, exactamente pela razão de serem decisivos, como os percussores de uma epifania que veio pôr a descoberto aquele que era o seu verdadeiro querer, que assim acabou por se impor.

Mas se em certa medida a perspectiva platônica permite perceber o estranho e oscilante comportamento de Drogo, ela traz também uma dificuldade. Segundo o postulado platônico, qualquer pessoa age sempre de acordo com o que julga melhor. Ora, alguém que age deste modo não sofrerá certamente da hesitação, da divisão e do arrependimento que caracteriza o herói de Buzzati. Ele parece mais padecer daquele remorso de que fala Aristóteles do que revelar uma convicção que é inerente aos que agem segundo o preceito platônico. Mesmo se, nas alturas em que Drogo opta por ficar, a narrativa o mostra, por alguns momentos, confiante e decidido na sua escolha,

não tardará muito até que retome a expressão do seu desagrado pela Fortaleza e o lamento pela decisão tomada. Se quisermos aplicar o postulado platónico ao caso de Drogo, temos que o fazer com algumas reservas. Aceitando ainda assim que com a sua acção foi ao encontro do que queria, teremos contudo que admitir que não agiu com a leveza e a tranquilidade que são próprias de quem se encontra plenamente convencido de estar a fazer a escolha certa. Aplicado a Drogo, o preceito platónico revela uma imperfeição, um qualquer defeito que o coloca num meio-termo entre aquele que escolhe com naturalidade o que é bom e aqueloutro que, pelo contrário, sente que está a agir mal, em acrasia.

Desta falha, deste defeito, não será dissociável o facto de Drogo só se aperceber do que quer realmente fazer — portanto, do que é melhor para si — nos momentos decisivos, em que se vê em vias de contrariar aquela que é a sua verdadeira vontade. Em todo o tempo restante, o seu julgamento aponta, de forma errónea, no sentido contrário. Se o que Drogo acabou por fazer era afinal a boa escolha, por que razão afirma ele que não o é? Esta é a génese do seu dilema: a discrepância entre o que afirma que lhe é bom e o que, por outro lado, as suas acções mostram que o é. A pergunta que deve ser feita não é então “porque ficou Drogo na Fortaleza?” mas sim “porque faz a apologia da cidade se afinal aquilo que para si é bom é ficar na Fortaleza?”; ou seja, “porque está Drogo convencido de uma coisa quando a sua verdade é afinal outra?”. Esta é a pergunta fulcral a que conduz a perspectiva platónica, e que a aristotélica contornava ao resumir tudo a diagnosticar em Drogo o irromper de uma doença incurável chamada acrasia. O cerne do problema que atinge Drogo parece assim estar principalmente num défice de auto-esclarecimento; ou, em última análise, numa insuficiência de conhecimento — esse conhecimento que

Sócrates diz ser a salvação das nossas vidas. Que significado podemos atribuir a esse défice de conhecimento é a questão de fundo que o romance de Buzzati desperta.

Por si só, querer ficar na Fortaleza não tem que comportar as dificuldades de que o caso de Drogo acaba por se revestir. Decidir nesse sentido é ainda compatível com uma convicção de se estar a fazer a coisa certa. Conhecem-se outros exemplos, de quem optasse por se exilar dos seus pares, ou por procurar formas de vida diferentes das mais comuns, sem que por isso se tenham confrontado com o dilema que Drogo enfrenta. Podemos a este propósito evocar outra personagem literária que, fazendo uma escolha que em vários aspectos recorda o caso de Drogo, não a viveu conflituosamente, ou pelo menos não pela mesma razão e nos mesmos termos.

Em *Cossacos* (1863), primeiro romance não autobiográfico de Lev Tolstói, é narrada a história de um jovem que, à semelhança de Drogo, deixa também a cidade onde vivia para ir servir militarmente numa longínqua fronteira do império<sup>8</sup>. Mas ao contrário de Drogo, para Olénin, trocar a cidade por uma pequena e remota aldeia de rudes cossacos, onde o seu regimento se aquartela, é visto de uma forma positiva. A mudança representa uma oportunidade para se afastar dos vícios, da artificialidade e da hipocrisia da aristocracia moscovita que despreza. Junto destes camponeses do Cáucaso, no seu modo de “vida em toda a sua beleza simples e natural” (Tolstói 2010: 127), virá a encontrar a felicidade e a inspiração para crescer espiritual e moralmente. Ao ritmo do entusiasmo com que abraça os costumes e os valores daqueles que o acolhem, Olénin sente ficar irremediavelmente para trás a vida ilusória dos salões de Moscovo. Empenhado em cortar os laços que o ligam ao passado, cultivará mesmo um

---

<sup>8</sup> Agradeço ao Professor Miguel Tamen a oportuna sugestão de confrontar o romance de Tolstói com o de Buzzati, assim como a relação com o romance de Joseph Roth que será explorada mais adiante.

resoluto distanciamento com os outros oficiais russos do regimento, testemunhas vívidas de um passado que pretende renegar. Para esses, aquelas paragens não representam mais do que uma esforçada comissão de serviço com os olhos postos numa promoção que os eleve na hierarquia da sociedade moscovita a que anseiam por regressar. São os representantes do longo braço que, desde a capital do império, vem ali exhibir o seu poder sobre as regiões limítrofes onde habitam os bárbaros. Ao contrário, Olénin aproximar-se-á progressivamente dos seus anfitriões, ambicionando vir a tornar-se um deles.

Tal como Olénin, também Drogo terá as suas próprias razões para querer ficar na Fortaleza. Quando, nos momentos decisivos, acaba por decidir nesse sentido, temos todas as razões para acreditar na fidedignidade dessa escolha. Porque resulta de um impulso espontâneo num contexto de absoluta liberdade, *i.e.*, em que podia escolher do modo que lhe aprouvesse, tanto em favor da cidade como da Fortaleza, essa opção é merecedora de todo o crédito. Tem ainda a particularidade de não ser produzida, nem suportada, por uma panóplia de argumentos, o que nos faz acreditar ter sido principalmente ditada por uma genuína vontade. Essa decisão tem ademais a seu favor a nada despicienda característica de corresponder ao que realmente acabou por prevalecer, o que de acordo com o preceito platónico não pode senão representar aquilo que Drogo efectivamente intuiu que seria o melhor para si.

Já quanto à opinião que durante o resto do tempo Drogo emite sobre a Fortaleza, e sobre o significado de lá permanecer, temos motivos para questionar os seus fundamentos. Desde logo, esta é uma avaliação que surge de forma imediata e automática assim que pela primeira vez se depara com as muralhas — e na verdade logo durante o caminho, ainda antes de chegar. Por certo que não é uma opinião

assente na experiência ou num verdadeiro conhecimento. Como lhe diz a dada altura o oficial a quem Drogo se apressa em manifestar a vontade de retornar de imediato à cidade: “Já percebi: o senhor fazia outra ideia da Fortaleza e agora ficou um pouco assustado. Mas diga-me honestamente: como pode fazer um juízo, honestamente, se chegou há poucos minutos?” (24). Com efeito, de início Drogo não poderia saber, apenas supor, sendo somente com base numa ideia pré-concebida que traz consigo, importada da cidade, que repudia reflexamente algo que na verdade ainda não conhece. E mesmo depois de ali ter já passado algum tempo, tendo portanto já um conhecimento empírico da realidade da Fortaleza, e apesar da evidência das suas repetidas recusas de concretizar a transferência para a cidade, essa ideia pré-concebida revelar-se-á preponderante ao ponto de o fazer continuar a ver a permanência na Fortaleza como uma coisa má.

Este preconceito que Drogo traz da cidade, e pelo qual se governa, encontra uma reveladora expressão no julgamento fortemente pejorativo que *a priori* faz daqueles que vivem na Fortaleza. Esses são desde logo vistos, de forma generalizada, como pessoas que escoam a vida sem critério no inexorável avançar do tempo, sem que uma consciência do vazio das suas existências os venha perturbar; que não questionam a futilidade das formalidades militares naquela fronteira abandonada, cumprindo-as estupidamente; que vivem alheados dos seus semelhantes, desconhecendo a verdadeira vida que entretanto se desenrola longe dali. Imbuído de opiniões como estas, Drogo nunca admitirá a si próprio ser afinal ali que quer ficar, algo que implicaria passar a integrar essa qualidade de pessoas que vê como fracassadas. Duas forças opostas actuam nele: de um lado o seu verdadeiro querer, impelindo-o a ficar, de outro um juízo dogmático sobre a Fortaleza e os seus

habitantes que torna esse querer repugnante aos seus olhos. Entre uma e outra, Drogo acabará por ir ao encontro da sua vontade, tal como diz Sócrates; mas porque aquele querer lhe é incompreensível, porque não concebe que possa afinal ser como aqueles homens “estranhos e absurdos” (48) que vivem na Fortaleza, viverá continuamente um conflito interior por pensar que devia ter agido de outro modo.

Se a avaliação que Drogo faz da sua nova situação parece ser condicionada por ideias e opiniões pré-estabelecidas que traz da cidade, de que não se consegue emancipar, já quanto a Olénin observamos precisamente o contrário. O seu afastamento da cidade faz-se acompanhar de um movimento introspectivo de autoconhecimento que o torna imune às opiniões de terceiros. Da distante Moscovo chegam-lhe avisos sobre o perigo de decadência e perdição a que a vivência junto dos primitivos cossacos acabará por conduzi-lo, mas as preocupações desses que lhe soam agora “repugnantes e miseráveis” (Tolstói 2010: 127) não têm qualquer eco em si, muito pelo contrário.

Olénin enraizou-se na vida da povoação até um ponto tal, que o seu passado lhe parecia uma coisa absolutamente alheia, e o futuro, sobretudo fora do mundo em que estava a viver, não o interessava minimamente. Quando recebia cartas de casa, dos parentes e amigos, sentia-se insultado, vendo que lamentavam a sua vida, a vida de um homem perdido, porque ele próprio considerava perdida toda a gente que não vivia como ele. (Tolstói 2010: 107).

E perante os comentários dos outros oficiais que, criticando o seu modo de vida selvagem e solitário, o exortam a aproveitar antes a estada para pândegas e



paixonetas de circunstância, em vez de se comportar como um monge, Olénin defenderá a sua escolha.

Sei que sou uma exceção. (Estava bastante embaraçado). Mas a minha vida tomou uma forma tal, que não só não vejo necessidade nenhuma de mudar as minhas regras, como sei ainda que não poderia viver aqui (viver com tanta felicidade, disso já não falo) se vivesse à vossa maneira. Além disso, procuro outra coisa, vejo nelas uma coisa diferente do que vocês vêem. (Tolstói 2010: 100).

A intuição de Olénin quanto à importância de seguir os seus próprio desígnios é exactamente o género de clarividência que percebemos faltar a Drogo.

Parecia-lhe que, se tentasse fazer o mesmo que faziam os seus camaradas oficiais, teria trocado o seu estado de contemplação altamente delicioso por um mar de sofrimento, desilusões e arrependimentos. (Tolstói 2010: 95).

Esta independência que Olénin mantém em relação aos “seus camaradas oficiais” é precisamente a independência que Drogo não manteve em relação ao que presume que se espera dele — ou até ao que ele próprio espera de si. E o que Olénin pressente que está com isso a evitar — “um mar de sofrimento, desilusões e arrependimentos” — descreve adequadamente aquilo em que Drogo acaba por incorrer. O problema de Olénin, a existir, é por isso substancialmente diferente do de Drogo. A sua dificuldade não consiste em reconhecer aquele que é o seu genuíno desejo, aquele “impulso único, aquele poder, dado ao homem por uma só vez, de fazer tudo o que quisesse de si próprio” (Tostói 2010: 14), que a ser visto como condenável será apenas pelos

outros, nunca por si. Como alguém que preza acima de tudo a liberdade, que “sempre viveu à sua própria maneira e tinha uma inconsciente repugnância pelos caminhos batidos” (*idem*: 95), Olénin sabe bem o que quer. O que o atormenta é antes a possibilidade de não chegar a cumprir o seu desígnio íntimo e pessoal, com isso não se cumprindo como pessoa. Nisto empenhará todo o seu esforço, mesmo que para tal seja necessário esquecer-se de quem era, do seu passado, para se tornar num cossaco capaz de “roubar manadas de cavalos, embebedar-[se] com *tchikhir*, cantar cantigas, matar pessoas (...)” (*idem*: 129).

Com a determinação de Olénin contrasta o titubear de Drogo, em quem é notório o conflito entre duas perspectivas díspares que se gladiam entre si. Paralelamente aos argumentos com que justifica o seu repúdio pela Fortaleza, surgem inequívocos sinais que denunciam um sentimento oposto, no sentido de uma irreprimível atracção pelo reduto isolado. Esta é com efeito a dicotomia que pervade toda a narrativa de *O Deserto dos Tártaros*. Logo desde os primeiros momentos é relevada a contradição entre a avaliação pragmática que faz daquilo que observa e o que antagonicamente se desenrola no seu interior, como observamos neste passo:

Não era imponente, a Fortaleza Bastiani, com as suas muralhas baixas, nem de modo nenhum bonita, nem airosa devido à presença de torres e bastiões; não havia nela absolutamente nada que mitigasse aquela nudez, que recordasse as coisas doces da vida. *Todavia*, como na tarde anterior do fundo do desfiladeiro, Drogo olhava-a hipnotizado, e uma inexplicável agitação penetrava-lhe o coração. (20, sublinhado meu).

Ou ainda nestoutro momento em que, de forma subtil, se insinua o absoluto contraste entre aquilo que Drogo acha que deve fazer e uma oposta e insidiosa atracção que a Fortaleza exerce sobre si.

Oh, regressar. Não transpor sequer o limiar da Fortaleza e descer de novo à terra plana, à sua cidade, aos seus velhos hábitos. Este foi o primeiro pensamento de Drogo, e não importa se tanta fraqueza era vergonhosa para um soldado; estava até pronto a confessá-la, se necessário, desde que o deixassem ir embora imediatamente. *Mas*, uma densa nuvem se elevava, branca, do invisível horizonte de norte, sobre o topo da Fortaleza, e imperturbáveis, sob o sol a pino, as sentinelas caminhavam para cá e para lá, como autómatos. O cavalo de Drogo soltou um nitrído. Depois o enorme silêncio voltou. (21, sublinhado meu).

Esta hesitação do protagonista pontua decisivamente toda a história, assumindo a maior relevância na sua caracterização como alguém que se encontra dividido entre duas determinações contrárias.

A dificuldade de Drogo em reconhecer a sua verdadeira vontade não é diferente daquela que se apercebe existir quanto a poder ser compreendido pelos seus congéneres da cidade. Um episódio representativo desta problemática é mais uma vez o encontro com Maria, por ocasião da ida à cidade com a intenção de tornar a requerer a transferência. Toda a instabilidade emocional que caracteriza este seu retorno temporário reflecte já por si o conflito de determinações opostas com que Drogo se debate: por um lado o seu verdadeiro querer, por outro o que julga

adequado; sendo que o primeiro se traduz na apaziguadora lembrança da Fortaleza que irrompe cada vez que o segundo, a cidade, resulta em desapontamento. Mas além disso, o que este curto período na cidade também ilustra é como a opção pela Fortaleza será sempre uma escolha inatingível para uma pessoa da cidade— uma percepção que Drogo, como ex-habitante da cidade que ele próprio é, também herdou e de que também se ressentia.

O desapontamento em que redundava este seu regresso, e o reencontro com aquele mundo que sempre afirmara desejar, tem o seu paroxismo no encontro com Maria (capítulo XIX). A dificuldade de diálogo e a distância que se interpõe agora entre ambos tornam o momento penoso, mesmo confrangedor. Consequentemente, em contraponto à desilusão que sente naquele momento, e à impossibilidade que a cidade passou a representar, a lembrança da Fortaleza invade o pensamento de Drogo, oferecendo-se como a verdadeira e natural oportunidade de felicidade. Pelo modo como a recorda, torna-se patente o quanto se sente ligado a ela. Mas quando Maria interrompe os seus pensamentos e, num tom que o narrador descreve como ligeiramente irado e revelador do ódio que sente por uma Fortaleza que não pode compreender, desabafa: “Mas agora pedes a demissão, não? (...). Deve ser uma boa pasmeira, lá em cima!” (156), Drogo mostra saber como seria vão tentar dar-lhe conta da sua atracção pelo reduto montanhoso. Tudo o que então chega a dizer é um tímido “pois é, mas os dias passam tão depressa!” (156). Ou então, refugiando-se num “tom brincalhão” (157) de quem sabe que não pode esperar ser compreendido, resumirá simplisticamente tudo aquilo que o liga à Fortaleza num vago “é verdade, lá em cima não há muitos divertimentos, mas uma pessoa habitua-se...” (157). Ao replicar as palavras que ele próprio ouvira ao capitão Ortiz anos antes, e que então

soaram a Drogo perfeitamente abstrusas (*vd.* Cap. I1), este mostra que também agora não espera poder ser compreendido por Maria. Sobre os seus verdadeiros sentimentos nada dirá, encerrando “dentro de si os seus secretos pensamentos” (159). Guardá-los-á para si, como algo que sabe que nunca poderia ser entendido por alguém da cidade.

Apesar de tudo, no capítulo seguinte Drogo insistirá ainda assim em reafirmar a intenção de regressar à cidade, reiterando o seu pedido de transferência ao comandante da divisão. Como vimos já, o pedido será indeferido, com base num imbróglia burocrático não particularmente consistente. Mas como o narrador faz notar, Drogo poderia ter-se esforçado mais em levar as suas intenções avante. Poderia nomeadamente ter pedido a demissão, algo de que o próprio Drogo está aliás ciente. Pedir a demissão foi o que efectivamente fez outra personagem literária cuja situação em vários aspectos se assemelha à de Drogo.

No romance de Joseph Roth *A Marcha de Radetzky* (1932), o protagonista é também um jovem oficial, neste caso no poderoso exército austríaco nos anos que antecederam a queda do império austro-húngaro. Tendo este Carl Joseph sido conduzido para a vida militar ainda muito jovem, por determinação do seu pai e não por desejo próprio, virá a revelar uma total ausência de vocação para a carreira das armas. À medida que o seu carácter se vai definindo, a inadaptação torna-se evidente, e a infelicidade apodera-se de si. A certa altura, incapaz de se integrar no espírito reinante entre os oficiais da prestigiante e cobiçada cavalaria, dominada que esta é pela descendência da snobe aristocracia austríaca, troca-a pela socialmente inferior infantaria. Com isso, é também transferido para uma posição distante nos confins do império, junto à fronteira com a Rússia. Com esta mudança geográfica, espera não só afastar-se da mentalidade militarista dominante na cavalaria, que nunca conseguiu

fazer sua, mas também aproximar-se de um modo de vida mais parecido com a dos seus antepassados lavradores, que reconhece como sendo o seu verdadeiro desejo. A estratégia não funciona, no entanto, e Carl Joseph entrará num processo de decadência em que pontuam o alcoolismo, o jogo, e uma equívoca relação amorosa. Por fim, mesmo antes de reunir coragem para o anunciar ao pai, concretiza efectivamente a demissão do exército, vindo a abraçar um modo de vida que reduz ao mínimo de necessidades, numa rústica casa rural.

Para além das similitudes, há uma diferença fundamental entre Carl Joseph e Drogo. É que Carl nunca se contradiz, nunca diz pretender fazer algo que depois tenha afinal feito em sentido contrário. Quando, ainda aluno da escola militar, voltava no Verão a casa do seu Pai e exibia com orgulho a farda impecável e o som do bater dos calcanhares ao fazer a continência, percebemos que o fazia mais por desejo de agradar ao progenitor do que por verdadeira satisfação pessoal. Mas desde os primeiros momentos em que já como oficial incorpora o regimento de cavalaria, os seus sentimentos são claros e invariáveis. Lemos as palavras do seu amigo, o médico do regimento — “gostaria de me ir embora, de me ir embora para longe” (Roth: 74) — e não hesitamos em ecoá-las também nele. A luta de Carl Joseph é por isso uma luta essencialmente travada contra as instituições: contra as expectativas familiares, contra os julgamentos sociais e contra o que a própria cultura militar espera dele. É uma luta entre si e algo que lhe é exterior, entre o que sente ser bom para si e aquilo que por outro lado obsta à realização desse bem. Em Drogo, pelo contrário, a luta é exclusivamente intrapessoal, com génese e palco na sua própria pessoa. Ela tem como causa um diferendo entre aquilo que afirma desejar e o que verdadeiramente deseja; um diferendo de que, segundo o que é dado inferir da narrativa, ele não estará sequer

ciente. O que caracteriza a história de Drogo não é uma luta sua contra as imposições de algo comparável ao pai déspota de Carl Joseph. Não é uma luta contra uma instituição militar que o obrigasse a ficar na Fortaleza contra a sua vontade, como também não se trata da existência de alguma condicionante material, nem tampouco de uma qualquer espécie de dever de consciência a que como militar se sinta obrigado. O que caracteriza o seu caso é simplesmente o facto de aquilo que pensa que deseja não corresponder ao que realmente deseja.

Se a evocação de outras personagens ficcionais contribui para a compreensão do caso de Drogo, também no próprio romance surge uma personagem que não pode deixar de ser levada em conta nesse propósito. Trata-se do tenente Angustina, que pelos sentimentos que inspira em Drogo vem por momentos lançar a dúvida sobre até que ponto ele estará, ou não, consciente da censura que impõe sobre si próprio. A importância do tenente Angustina é desde logo atestada pelo facto de ser a personagem que, de entre todas as que povoam o romance, mais atenção merece por parte da narrativa. Em três capítulos (VIII, XI e XV) chega mesmo a substituir-se a Drogo como personagem principal. Os episódios que conduzirão à sua morte ocupam todo o capítulo XV, por sinal o mais longo do romance e onde Drogo nunca chega a comparecer. Antes disso, já um sonho de Drogo premonitório dessa morte ocupara todo o capítulo XI, ocasião aliás para uma janela assumir mais uma vez um marcado simbolismo. E ainda numa fase mais inicial da história, Angustina assumirá também o protagonismo de todo o capítulo VIII.

No episódio aí narrado, um de entre o círculo de amigos de Drogo está prestes a regressar definitivamente à cidade, depois de dois anos de serviço. Todos o invejam,

celebrando a sua partida com os olhos postos no dia em que também eles possam finalmente deixar a Fortaleza. Todos menos um, já que o tenente Angustina decidiu ficar e não planeia regressar à cidade. Mas ao contrário de todos aqueles que também acabaram por ficar, sobre quem Drogo invariavelmente expressa desprezo ou escárnio, Angustina é visto de modo muito diferente. De forma surpreendente, ele é considerado como alguém superior “em inteligência e em cultura” (66), vivendo segundo um “ambicioso estilo de vida” (65) que os amigos não podem compreender mas apenas intuir vagamente. Dirá por exemplo aquele que se prepara agora para partir: “Nós somos muito diferentes, no fundo nunca compreendi o teu modo de pensar. Parece que são manias tuas, não sei, mas se calhar és tu que tens razão” (66). Este jovem de “nariz afilado”, “olhar abstracto” e “sorriso ingrato” (65), destacando-se dos outros por uma “indefinível elegância desalinhada” (62) e cultivando um “eterno ar de distanciamento” (61), despreza os motivos frívolos e de mau gosto que levam os seus companheiros a demandar a cidade, e o seu carisma é tal que estes quase se envergonham de os manifestar na sua presença. Claramente, Angustina é digno do maior respeito e admiração por parte de Drogo, que acusa mesmo um certo despeito pela superioridade com que aquele o parece ver, “sempre com o seu ar enfadado” (86), “sempre tão soberbo e arrogante” (85), “como um senhor” (86), de uma “nobreza quase sobrenatural” (87).

De onde provém um julgamento tão favorável, contrário a tudo o que até então víramos Drogo afirmar sobre os que se deixavam ficar na Fortaleza? Angustina constitui certamente, para Drogo, o admirável exemplo de alguém que faz o que ele pressente que devia também fazer, *i.e.*, reconhecer e cumprir aquela que é a sua verdadeira vontade, por mais incompreensível e injustificável que ela se afigure aos



demais. É verdade que Angustina, esse “jovem tão fino” que “transformava a tosse numa espécie de hábito caprichoso, digno de ser imitado” (63), está doente, e podemos ver nisso a origem e o fim do mistério da sua decisão de ficar. Mas seja qual for o motivo de Angustina — por exemplo, por recusar a piedade de que como doente seria alvo na cidade, ou por aversão a expor na cidade a sua decadência de enfermo — permanece a questão principal, que é o facto de, contra as expectativas de todos, Angustina decidir não regressar. Também Drogo, que terá as suas próprias razões, nunca regressará, mas ao contrário de Angustina, nunca reconhecerá a sua vontade, nem sequer perante si próprio.

O significado de Angustina é tanto mais relevante quanto surge no capítulo seguinte ao do alfaiate Prosdocimo (VII). Já com quinze anos de Fortaleza, este alfaiate continua a garantir a quem o ouve que está ali a título “absolutamente provisório” (55) e que não tarda ir-se-á embora. Após tantos anos, ninguém senão ele acredita já nisso, e o alfaiate é motivo de chacota. Ao aperceber-se da ilusão que se apoderou de Prosdocimo, como de muitos outros, Drogo demarca-se e garante a si próprio ser um “espectador incontaminado” (58) que a tudo assiste de fora, a salvo do ardil que a Fortaleza constitui. Como sabemos, não fará jus à sua promessa, e o que o episódio de Angustina parece querer demonstrar é que a verdadeira possibilidade de demarcação de Drogo residiria em seguir o seu exemplo. Em vez disso, ao não reconhecer aquele que é o seu desígnio pessoal, não fez mais do que replicar o comportamento do alfaiate, insistindo em anunciar uma intenção de partir que nunca concretizará.

O sonho da morte de Angustina, por outro lado, que ocorrerá alguns capítulos depois, é o pretexto para a narrativa demonstrar o vínculo que Drogo acredita existir entre ambos, com base naquilo que, diferenciando-os dos outros, os une. Quando, no

decorrer desse sonho, Angustina parece ignorá-lo, não respondendo aos seus chamamentos, Drogo sente-se claramente desapontado e traído. Já quando Angustina dá por fim conta da sua presença, fá-lo com um sorriso em que Drogo vê um sinal do reconhecimento da compreensão mútua e da cumplicidade que existe entre eles. Do mesmo modo, sente como uma injustiça o facto de Angustina assumir no sonho um protagonismo maior que o dele. Pela afinidade que sente existir, considera-se em igualdade de direitos quanto a todas as atenções que vê dirigidas em exclusivo ao seu amigo por parte dos intervenientes no sonho: “Porquê tudo para Angustina e nada para ele? Se fosse outro, paciência, mas logo Angustina, sempre tão soberbo e arrogante” (85), reclama a voz narrativa em nome de Drogo.

A narrativa permite assim inferir sobre o que terá estado por trás da incapacidade de Drogo quanto a reconhecer a sua real vontade. Drogo julga pejorativamente aqueles que ficam na Fortaleza, mas porque o que acaba por revelar é uma vontade de ficar, esse julgamento parece mais provir de uma ideia feita do que representar a sua genuína opinião. Do mesmo modo, o facto de formular uma opinião sobre a Fortaleza ainda antes de ter fundamentos para o fazer sinaliza que possui já uma ideia pré-concebida sobre ela. Também o receio que denota sobre o que os outros possam pensar sobre a sua opção pela Fortaleza, como ilustra o episódio do encontro com Maria, revela como essa é uma opção que à partida tinha por inconcebível e inexplicável. O que estes comportamentos indiciam é a prevalência em Drogo de uma opinião pré-formada; uma opinião que não só peca por ser rígida como além disso não representa sequer a sua pessoa. Ora, como aqui se argumenta, a prevalência de um preconceito configura também uma questão moral.

A Drogo poderiam nomeadamente ser dirigidas as palavras de Ralph Waldo Emerson quando, no ensaio “Self Reliance” (1841), exorta os seus concidadãos a acreditarem em si próprios e a seguirem o que lhes diz a “voz da mente”<sup>9</sup>. Cada indivíduo, afirma Emerson, possui uma determinação que lhe é própria, e só ao cumpri-la pode esperar colher um bom fruto da sua existência. No que constitui uma visão também eminentemente platónica, Emerson considera que o que é certo para cada pessoa é o que advém da sua “impressão espontânea”<sup>10</sup>, provinda que esta é da sua genuína natureza. Mas, acusa, a generalidade das pessoas, em vez de seguir essa impressão, envergonhadas ou atemorizadas com as motivações que provêm de si mesmas, tende a substituí-las pelo aparente conforto de seguir a opinião geral. É que a sociedade joga o “jogo da conformidade”<sup>11</sup>, onde “a virtude mais estimada é a conformidade”<sup>12</sup>. Todos os que não cumprem essa conformidade e, pelo contrário, exercem a auto confiança e agem de forma independente, incorrem na crítica, no vilipêndio ou até no ostracismo. Como diz, “pela não conformidade, o mundo açoita-te com o seu desagrado”<sup>13</sup>.

Para Emerson, a diferença entre aquele que segue reverentemente a multidão e o outro que, pelo contrário, não abdica da sua verdadeira pessoa assinala desde logo a marca do génio. Perguntemo-nos, faz notar, o que seria da humanidade se Platão, Galileu, Milton e tantos outros tivessem calado as suas opiniões, subjugados pela multidão. Mas seguir a própria vontade é também a diferença entre o homem “tímido

---

<sup>9</sup> No original, “The voice of the mind” (Emerson 1954: 53). Tradução da minha responsabilidade, devidamente confrontada com a edição brasileira indicada nas referências finais.

<sup>10</sup> “Spontaneous impression” (*idem*: 53).

<sup>11</sup> “Game of conformity” (*idem*: 57).

<sup>12</sup> “The virtue in most request is conformity” (*idem*: 55).

<sup>13</sup> “For nonconformity the world whips you with its displeasure” (*idem*: 57).

e escusatório”<sup>14</sup> e aquele que se ergue erecto para dizer “eu penso”, “eu sou”; entre aceitar bravamente o próprio destino, vivendo-o alegremente, ou pelo contrário fugir dele, alienando a liberdade e hipotecando o carácter; ou ainda entre a preciosa criação original e a imitação sem valor. É, em suma o que distingue uma vida grande de uma mesquinha. Conclui Emerson:

What I must do is all that concerns me, not what the people think. This rule, equally arduous in actual and in intellectual life, may serve for the whole distinction between greatness and meanness. It is the harder because you will always find those who think they know what is your duty better than you know it. (Emerson 1954: 56).

Destas afirmações sobressai ainda a importância que Emerson concede, e ressalta, quanto a garantir a independência de pensamento e de opinião, perante a influência nefasta daqueles que “acreditam saber melhor do que tu qual é o teu dever”. Mais do que em “livros e tradições”, ou com “bardos e sábios”<sup>15</sup>, como diz, é dentro de si mesmo que cada um deve procurar a orientação do seu caminho. Considerando o romance de Buzzati a esta luz, notaremos que a opinião que Drogo tem como certa é aquela que se habituou a ouvir entre a maioria (ou a que ele acredita ser a da maioria), e é essa que expressa de forma automática assim que chega à Fortaleza: que o que é bom, normal e desejável é viver na cidade. A Fortaleza, pelo contrário, é tida como uma opção inferior e censurável. Quando repudia a Fortaleza, Drogo está principalmente a obedecer à opinião geral e comum. Mas para sua infelicidade, o impulso que emerge do íntimo de si aponta em sentido contrário,

---

<sup>14</sup> “Timid and apologetic” (*idem*: 62).

<sup>15</sup> “Books and traditions”; “bards and sages” (*idem*:53).

incutindo-lhe o desejo de ficar na Fortaleza. Receoso da sua própria excentricidade, contrariará esse desejo com todos os argumentos de que a opinião da multidão o apetrechou, na procura de uma absolvição no tribunal da conformidade.

Se, como diz Emerson, apenas àquele que sabe ouvir a voz interior é dado poder esperar concretizar a sua “obra de génio”<sup>16</sup>, aquilo a que exorta ultrapassa contudo uma preocupação com o lado produtivo da existência. Mais do que a obra realizada, ou os aplausos que ela possa merecer; mais do que aquilo que cada um colhe do solo que cultiva, a exortação de Emerson visa sobretudo a integridade de carácter, a virtude honesta, ou o respeito pela personalidade individual. Ao implicar na conduta que advoga conceitos como “bem e mal”, “certo” ou “errado”, a questão torna-se incontornavelmente moral. Dirá nomeadamente:

No law can be sacred to me but that of my nature. Good and bad are but names very readily transferable to that or this; the only right is what is after my constitution; the only wrong what is against it. (Emerson 1954: 55).

Ainda segundo Emerson, outra dificuldade com que se depara aquele que, promovendo a confiança em si próprio, procura agir de acordo com a sua verdadeira convicção é o receio de vir arevelar-se incoerente com os seus próprios actos e palavras passados. Temente que essa contradição o torne ininteligível aos olhos dos outros, ou que por causa dela venha a gorar expectativas depositadas na sua pessoa, por parte de terceiros ou até por si próprio, inibirá o seu carácter e a sua personalidade. Mas, para Emerson, “uma estúpida coerência é a obsessão das mentes mesquinhas (...). Com a coerência, uma grande alma não tem simplesmente nada a

---

<sup>16</sup> “Work of genius” (*idem*:53).

ver”<sup>17</sup>. Se muitos se rendem ao medo de se verem incompreendidos, por outro lado a História mostra à exaustão que “ser grande é ser incompreendido”<sup>18</sup>. Querer evitar a todo o custo ser acusado de contradição implica uma estagnação do indivíduo, impedido que este assim fica de poder reavaliar e modificar os seus critérios e juízos, logo de evoluir positivamente.

Também Iris Murdoch vê na capacidade para corrigir uma visão que é distorcida uma questão moral. No ensaio “The Idea of Perfection” (1962), onde refuta a visão existencialista tendente a desvalorizar o papel do pensamento individual na determinação da vontade, das acções, e do sistema de valores dos indivíduos, Murdoch defende que, pelo contrário, a actividade mental, ou os “actos interiores”<sup>19</sup>, são determinantes para a construção dos juízos que os seres humanos fazem, logo também para o modo como se posicionam e agem no mundo. Como seres pensantes que são, as pessoas beneficiam da possibilidade de intervir activamente na clarificação das opiniões que têm sobre os outros, sobre os factos com que se deparam, e sobre si próprias. É através de uma actividade introspectiva e essencialmente individual que se pode esperar vir a substituir uma visão distorcida por uma outra que seja clara e verdadeira.

É na mesma medida em que nos movimentamos no mundo que também o modo como vemos esse mesmo mundo é passível de ser alterado. Diz Murdoch: “as we move and as we look, our concepts themselves are changing” (Murdoch 1997: 321). Mas se este movimento pelo mundo é inerente ao ser humano, e reflectir sobre ele uma capacidade que lhe é inata, os resultados não são contudo automáticos nem

---

<sup>17</sup> “A foolish consistency is the hobgoblin of little minds (...). With consistency a great soul has simple nothing to do” (*idem*: 58).

<sup>18</sup> “To be great is to be misunderstood” (*idem*: 58).

<sup>19</sup> No original, “Inner acts” (Murdoch 1997: 316). Tradução da minha responsabilidade.

garantidos, antes dependendo do empenho e do esforço que cada indivíduo ponha nesse propósito. Ao sujeito é requerida o que Murdoch caracteriza como uma verdadeira “luta interna”<sup>20</sup>, uma “contínua tecelagem do ser”<sup>21</sup> em que se erigem novas “estruturas de valor”<sup>22</sup> que finalmente permitirão destronar certas imagens do mundo que a despeito do seu aspecto convincente e coerente são ainda assim falsas<sup>23</sup>. Ao responsabilizar directamente cada indivíduo pelo seu próprio esclarecimento, a questão torna-se eminentemente moral. Como diz, “clear vision is a result of moral imagination and moral effort” (Murdoch 1997: 329).

Murdoch põe a ênfase na *atenção* que cada indivíduo efectivamente coloca na *observação* que faz do mundo (metáfora que privilegia à de *movimentação* pelo mundo, por sugerir um carácter menos interventivo por parte do sujeito). Nessa atenção vê mesmo “a marca característica e própria do agente moral activo”<sup>24</sup>. Não existindo um estágio final de perfeição, é a sua ideia (precisamente “a ideia de perfeição” que dá nome ao ensaio) que norteia o progresso moral — “that endless aspiration to perfection which is characteristic of moral activity” (Murdoch 1997: 324). Esta é por isso uma actividade que se caracteriza por ser infindável, infinitamente aperfeiçoável, e que implica uma constante reavaliação dos juízos por que cada pessoa se regerá. Da mesma maneira que o conceito de moral está “essencialmente ligado a mudança e progresso”<sup>25</sup>, também o conhecimento, a clarividência, é indissociável de uma ideia de contínua evolução.

---

<sup>20</sup> “Internal struggle” (*idem*: 317).

<sup>21</sup> “A continuous fabric of being” (*idem*: 316).

<sup>22</sup> “Structures of value” (*idem*: 329).

<sup>23</sup> As suas palavras exactas são: “Convincingly coherent but false pictures of the world” (*idem*: 329).

<sup>24</sup> “The characteristic and proper mark of the active moral agent” (*idem*: 327).

<sup>25</sup> “Morality is essentially connected with change and progress” (Murdoch 1997: 322).

Esta disponibilidade para rever e modificar os seus próprios juízos foi o que faltou a Drogo. No seu caso, aceitar a evolução e a mudança significaria reconhecer-se como alguém diferente do que imagina ser. Não o fazendo, sofre o conflito que se estabelece entre a idealização que faz de si e a sua verdadeira personalidade. Tomar consciência da autonomia da personalidade perante aquilo que pensaríamos ser a decisão determinante da vontade pode ser, considera Murdoch, a origem do vazio e da angústia com que os seres humanos se debatem amiúde. Como diz, “angst may occur where there is any felt discrepancy between personality and ideals” (Murdoch 1997: 330). Ora esse parece ser precisamente o caso de Drogo. Tomando-se por alguém que deseja a cidade mundana, informada e sofisticada, a sua personalidade e a sua vontade íntima mostrar-se-ão afinal mais fortes, impelindo-o a ficar na Fortaleza. Nesse sentido, Drogo é um desapontamento para si mesmo. Mas principalmente, o não esclarecimento dessa contradição subjacente a duas directivas opostas é o que o lança no conflito irresolúvel que o romance retrata, e que constitui a sua linha de sentido principal.

Para Murdoch, a conquista da liberdade passa, também ela, por um verdadeiro conhecimento, nesse sentido sendo igualmente uma questão moral. Diz a propósito: “Freedom, itself a moral concept and not just a prerequisite of morality, cannot here be separated from the idea of knowledge” (Murdoch 1997: 330). A história de Drogo ilustra isso mesmo. Se associamos a Drogo uma condição de prisioneiro, ele é-o unicamente de si próprio. Dele diria Emerson ser alguém que está “encarcerado pela própria consciência”<sup>26</sup>. Alcançar a liberdade passaria por uma clarificação dos juízos que faz — em relação à sua própria pessoa, que demonstra não conhecer, e quanto ao

---

<sup>26</sup> “Clapped into jail by his consciousness” (Emerson 1954: 54).



que ficar na Fortaleza representa. O sofrimento que o encarcera, um encarceramento que é exclusivamente psicológico e nunca de ordem material, é uma consequência directa da sua incompletude moral.

Ao aproximar-se do final, o romance permite considerar a hipótese de que Drogo teria por fim alcançado uma concordância entre aquilo que diz e o que realmente deseja fazer. No capítulo XXVI, vendo com tristeza partir Ortiz, o seu amigo de trinta anos de Fortaleza que agora se aposenta, Drogo dirá: “Quase gostava de me ir embora também. Quase me apetece apresentar a demissão” (207). Dizer que *quase gostava* de se ir embora quer também dizer que não é disso que gostava, que não é isso que deseja fazer. Drogo está assim implicitamente a declarar que aquilo que deseja é ficar na Fortaleza. Ora, isto é algo muito diferente do que víamos até aqui, pois durante todo o tempo insistia em afirmar o contrário.

De modo semelhante, lemos também no capítulo seguinte, a propósito dos seus receios de se ver obrigado a deixar a Fortaleza por doença:

Por sorte, Drogo tornara-se amigo do Dr. Rovina e conseguira a sua cumplicidade para poder permanecer ali. Um vago pressentimento dizia-lhe que se deixasse agora a Fortaleza por doença nunca mais voltaria. Este pensamento provocava-lhe angústia. Vinte anos antes, sim, teria querido ir-se embora, instalar-se na tranquila e brilhante vida da guarnição citadina, com as manobras de Verão, os exercícios de tiro, as competições hípicas, os teatros, as sociedades culturais e recreativas, as belas senhoras. (213).

Também aqui, o narrador mostra que Drogo reconhece agora a sua vontade de ficar na Fortaleza. A menção da diferença em relação ao passado é clara e muito relevante. O que, de outra forma, o narrador está a dizer, é que vinte anos antes Drogo teria acreditado ser isso que queria, mas já não agora. Drogo parece então ter executado aquele processo moral de que fala Murdoch, de uma progressiva conquista de clarividência, reconhecendo o carácter afinal falso da ideia que anteriormente reiterava, quanto a querer voltar para a cidade. Ao esclarecer qual é o seu verdadeiro desejo, poder-se-ia esperar ver dirimida a contradição que até aí alimentara o sofrimento psicológico que permanecer na Fortaleza comportava. Neste sentido, o romance retrataria o exemplo de um caso em que o conhecimento teria acabado por prevalecer sobre um estado iludido.

No entanto, apesar desta mudança de atitude, sobrevém ainda nesta altura o mesmo sentimento de pesar e a mesma recriminação de sempre pelo facto de permanecer na Fortaleza. O narrador expressa o seu lamento, ou até a censura, por uma vida que vê como desperdiçada, e que compara ao que teria sido uma vida na cidade:

Vira-se a página, passam-se meses e anos. Os que foram companheiros de escola de Drogo estão quase cansados de trabalhar, têm barbas quadradas e grisalhas, caminham com compostura pelas cidades e são cumprimentados respeitosamente, os seus filhos são homens feitos e alguns já são avôs (...) Giovanni Drogo, porém, continua à espera, embora a esperança diminua a cada minuto. (211).

O próprio Drogo afirma ter “desperdiça[do] as coisas melhores da vida” (222), tendo “deix[ado] fugir muitas oportunidades” (223) numa “existência segregada do mundo” (228), enquanto “os seus antigos companheiros, os outros (...) lá em baixo na cidade tinham levado uma vida fácil e alegre” (228). Ou seja, apesar de admitir agora que quer ficar na Fortaleza, isso não é contudo suficiente para eliminar o conflito com que sempre se debateu.

A única possibilidade de redenção de uma escolha que ainda assim continua a ver como reprovável parece ser o eclodir de uma guerra, preocupação que domina nesta altura os pensamentos de Drogo.

Poucos anos lhe restavam, eram as últimas reservas, e talvez que antes do termo pudesse dar-se o acontecimento esperado. Tinha desperdiçado os melhores anos, agora queria ao menos esperar até ao último minuto. (213).

Com efeito, nesta fase final do romance a narrativa revela uma particular obsessão de Drogo com a ideia da guerra. Esta obsessão tinha vindo já a desenhar-se desde há alguns capítulos atrás, com Drogo a perscrutar insistentemente o horizonte com um óculo de longo alcance, em busca de sinais de um hipotético inimigo.

Mas porque este constitui um objectivo ilusório e inverosímil, como Drogo tantas vezes havia reconhecido, é legítimo duvidar do real alcance do seu progresso moral, e da clarividência e autoconhecimento que daí tenham resultado. Esta obsessão com a chegada do inimigo parece ter tudo em comum com os efeitos que aquelas janelas doutros tempos exerceram nele. O mesmo carácter ilusório e infecundo desta ideia de uma guerra, como infecundas foram as expectativas criadas pelas janelas anteriores, é desde logo atestado pela recusa da narrativa em lhe dar provimento,

sendo Drogo expulso da Fortaleza no momento em que a guerra parece iminente. O próprio leitor nunca chegará a saber com certeza se essa tão desejada guerra realmente se confirmou ou se terá acabado por resultar em mais um alarme falso, à semelhança do que já acontecera antes (capítulo XIV). Ao relacionar este novo discernimento, que Drogo aparenta agora revelar, com uma renovada insistência na quimera do velho mito dos tártaros, a narrativa deixa-nos mais uma vez, e também neste caso, numa insanável ambiguidade quanto à real aptidão moral do protagonista.

## Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES (2004) — *Ética a Nicómaco*, trad. António C. Caeiro, Quetzal, Lisboa.

ATCHITY, Kenneth (1978) — “Time in Two Novels of Dino Buzzati”, *Italica*, vol. 55, no. 1, pp. 3-19, [www.jstor.org/stable/478282](http://www.jstor.org/stable/478282).

BORELLI, Luigi C (1956) — “Osservazioni Su Dino Buzzati”, *Italica*, vol. 33, no. 2, pp. 93-101, [www.jstor.org/stable/476880](http://www.jstor.org/stable/476880).

BORGES, Jorge Luis (1999) — “Dino Buzzati, Il Deserto dei Tartari”, in *Obras Completas*, vol. 4, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Círculo de Leitores, p. 462.

BUZZATI, Dino (1960) — *O Homem da Montanha*, trad. Rosália Braamcamp, Publicações Europa-América, Lisboa.

BUZZATI, Dino (1989) — *Il Deserto dei Tartari*, Oscar Mondadori, Milão.

BUZZATI, Dino (2005) — *O Deserto dos Tártaros*, trad. Margarida Periquito, Cavalos de Ferro, Lisboa.

CANDIDO, Antonio (1990) — “Quatro Esperas”, *Novos Estudos*, no. 26, Março, pp. 49-76.

CASTIGLIONE, Pierina Borrani (1957) — “Dino Buzzati”, *Italica*, vol. 34, no. 4, pp. 195-20, [www.jstor.org/stable/477665](http://www.jstor.org/stable/477665).

EMERSON, Ralph Waldo (1954) — “Self Reliance” in *Basic Selections From Emerson*, ed. Eduard C. Lindeman, The New American Library, Nova Iorque, pp. 53-73.

EMERSON, Ralph Waldo (1966) — “A Confiança em Si Próprio” in *Ensaio*, trad. João Paulo Paes, Editora Cultrix, São Paulo, pp. 34-63.

MALATO, Enrico (dir.) (2000) — *Storia della Letteratura Italiana*, vol. IX, Salerno Editrice, Roma.

MURDOCH, Iris (1997) — “The Idea of Perfection” in *Existentialists and Mystics*, ed. Peter Conradi, Penguin Books, pp. 299-336.

NERENBERG, Ellen (1997) — “Tartar Control: Masculinity and Impegno in Buzzati's Il Deserto Dei Tartari”, *Italica*, vol. 74, no. 2, pp. 217-234, [www.jstor.org/stable/480078](http://www.jstor.org/stable/480078).

PARISI, Luciani (2005) — “Dino Buzzati: l'ambiguità della fantasia”, *Forum Italicum*, vol. 39.1, Março, pp. 83-99,  
<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/001458580503900105>.

PARKS, Tim (2001) — “Throwing Down a Gauntlet”, *The Threepenny Review*, Winter, s/p, [https://www.threepennyreview.com/samples/parks\\_w01.html](https://www.threepennyreview.com/samples/parks_w01.html).

PIETROSI, Luciana (1965) — “Dino Buzzati”, *Italica*, vol. 42, no. 4, pp. 391-402, [www.jstor.org/stable/477524](http://www.jstor.org/stable/477524).

PLATÃO (1956) — *Protagoras and Meno*, trad. W. K. C. Guthrie, Penguin Books.

PLATÃO (1999) — *Protágoras*, trad. Ana da Piedade Elias Pinheiro, Relógio d'Água,

REIS, Carlos e Ana Cristina Lopes (1987) — *Dicionário de Narratologia*, Almedina, Coimbra.

ROTH, Joseph (s/d) — *A Marcha de Radetzky*, trad. Maria Adélia Silva Melo, Difel, Lisboa.

SALA, Dana (2010) — “Desert as Revealer of Contradictory Truths in Dino Buzzati’s *The Tartar Steppe* and Kobo Abe’s *The Woman in the Dunes*”, *Scientific Journal of Humanistic Studies*, Year 2, no. 3, Novembro, pp. 56-60,  
<https://www.scribd.com/document/343100985/Dana-Sala>.

TOLSTÓI, Lev (2010) — *Cossacos*, trad. Nina Guerra e Filipe Guerra, Relógio d’Água, Lisboa.

TRABUCCO, Luca (2012) — “I tartari e il deserto. Riflessioni di uno psicoanalista a partire dal *Deserto dei Tartari* di Dino Buzzati”, *PsicoArt: Rivista on line di Arte e Psicologia*, vol. 2, lss 2, no. 2, pp. 1-14,  
<https://psicoart.unibo.it/article/view/3126/2524>.

VAUTRELLE, Hervé (2008) — “La Montagne de Mann, le Désert de Buzzati, le Rivage de Gracq: Phénoménologie de Trois Espaces—Temps Littéraires”, *Studia Phaenomenologica*, no. 8, Outubro, pp. 379-398, acesso via Academic Search Complete.